

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“NINGUÉM SAIU DAQUI SEM UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA”:
As ocupações secundaristas de 2016 e o caso do Ginásio
Pernambucano.**

Ivo Pereira Neto

**Recife
Julho/2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“NINGUÉM SAIU DAQUI SEM UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA”:
As ocupações secundaristas de 2016 e o caso do Ginásio
Pernambucano.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado pelo aluno
Ivo Pereira Neto ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE
– Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador: Maurício Sardá de Faria

**Recife
Julho/2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P436 Pereira, Ivo Pereira Neto
 "NINGUÉM SAIU DAQUI SEM UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA": As ocupações secundaristas de 2016 e o caso do Ginásio Pernambucano. / Ivo Pereira Neto Pereira. - 2021.
 63 f. : il.
- Orientador: Maurício Sarda de Faria.
 Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2021.
1. Participação Política. 2. Juventude. 3. Ocupações Estudantis. I. Faria, Maurício Sarda de, orient. II. Título

CDD 300

FOLHA DE APROVAÇÃO

IVO PEREIRA NETO

Graduando

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Ciências Sociais como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 19 / 07 / 2021

EXAMINADORES

Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria

Departamento de Ciências Sociais (UFRPE)

Prof. Dr. Henrique Tahan Novaes

(Unesp - Marília)

Prof. Msc. Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

Diretoria de Pesquisas Sociais (Dipes)

Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)

Prof. Dr Paulo Afonso Barbosa Brito

Departamento de Ciências Sociais (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de enfatizar a importância da FUNDAJ e do PIBIC nessa pesquisa, que me permitiram uma experiência maior na temática e a possibilidade de desenvolver minha trajetória acadêmica.

Em especial ao Professor e orientador Túlio Velho Barreto, onde tive o privilégio de tê-lo como meu orientador, por três vezes no PIBIC, com quem pude aprender bastante e desenvolver diversos artigos, alguém que tenho como inspiração na minha trajetória acadêmica.

Agradeço também a UFRPE que por quatro anos presenciais pude desfrutar de seu espaço acolhedor e humano e pude estabelecer relações que me incentivaram a pesquisar e desenvolver atividades em diversas áreas.

Em especial ao professor Mauricio Sardá, que desde que chegou a UFRPE demonstrou interesse pela minha pesquisa e tornou-se um amigo próximo.

Aos meus pais Suelene e Láurisson, que dado a necessidade do isolamento social pela situação da pandemia do COVID 19 passei por diversas dificuldades para desenvolver esse trabalho de casa, sendo essencial a compreensão e o carinho deles para comigo nesse momento delicado, nos momentos mais difíceis que passei o amor deles me manteve sereno e seguro de que conseguiria dar conta.

A todas essas pessoas e a diversas outras que também estiveram comigo nesses momentos difíceis, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as ocupações escolares ocorridas em 2016 contra o governo Temer e as políticas de austeridade que atingiram diversos setores, dentre eles a educação, sob a perspectiva dos estudantes da Escola de Referência Ginásio Pernambucano, localizada no Recife. Perseguimos o desenrolar do processo de mobilização dos estudantes para efetuar a ocupação até o momento posterior à desocupação, destacando as consequências da ocupação para o cotidiano escolar e para a formação política dos jovens que dela participaram. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes e pessoas de fora da escola que participaram da ocupação, foi construída uma cronologia da ocupação, focando nas pautas levantadas pelo movimento no início e em pautas que vão sendo incorporadas ao longo da ocupação. Abordamos também como se deu a relação dos estudantes com os professores e gestores, como os estudantes estruturaram a ocupação, as instancias de decisão quanto à organização de atividades e de atos. Analisamos a criação de uma rede de contatos e de mobilização entre os estudantes e outras ocupações e setores da sociedade. Por fim, compreendemos que as ocupações se dão para além da pauta de combate político e cria uma nova perspectiva de escola com autogestão dos estudantes, onde ocorre um intenso aprendizado sobre cidadania, participação política e uma perspectiva inclusiva de gestão escolar, mostrando como essa vivência dos estudantes foi repleta de contradições e aprendizados em intensos 33 dias como ocupantes e gestores da escola.

Palavras chave: Participação Política. Juventude. Ocupações Estudantis.

ABSTRACT

This research aims to comprehend the school occupations occurred in 2016 against Temer government and its austerity politics that affected several sectors, including education, from the perspective of the students at Reference High-school Ginásio Pernambucano, located in Recife. The research attended the development of the students' mobilizations to carry out the occupation until the period after the evacuation, highlighting the occupations consequences to the school routine as well the political formation impact to the young people involved in these acts. Based on semi-structured interviews applied to students and people unrelated to the school that participated in the occupations, it was created a chronology's occupation focused on the guidelines raised by the movement at the beginning and on guidelines that were incorporated throughout the occupation. This work also discusses how the relationship between students, teachers and managers took place, along with how the students have structured the occupation, the instances of decision on the organization of activities and actions. Finally, we understand that occupations go beyond the schedule of political combat and create a new perspective of school with student self-management, where there is intense learning about citizenship, political participation and an inclusive perspective of school management, showing how this experience of students was full of contradictions and learning in an intense 33 days as occupants and administrators of the school.

Keywords: Political Participation. Youth. Student Occupations.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	08
1	JUVENTUDES: CONCEITO, VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO.....	14
1.1	Participação política e os movimentos políticos juvenis no brasil.....	20
2	A OCUPAÇÕES NO BRASIL E EM PERNAMBUCO: O CASO DO GINÁSIO PERNAMBUCANO.....	24
2.1	Antecedentes: a jornadas de junho e o movimento passe livre (2013) .	24
2.2	As ocupações em São Paulo (2015)	26
2.3	Ocupações em Pernambuco (2016)	28
3	A EXPERIENCIA DA OCUPAÇÃO NO GINÁSIO PERNAMBUCO	
3.1	A ocupação do ginásio pernambucano: a vida antes da ocupação e os primeiros movimentos dos estudantes.....	30
3.2	A ocupação da escola ginásio pernambucano: a disputa pela chave e como se faz uma ocupação.....	34
3.3	A ocupação do ginásio pernambucano: entre a autonomia e a criação de redes de solidariedade.....	36
3.4	O processo de desocupação e a pós ocupação do ginásio pernambucano: conquistas, aprendizados e memória.....	44
	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE.....	54
	APENDICE 1: Roteiro de Entrevistas	
	APENDICE 2: Ziné sobre a Ocupação Ginásio Pernambucano	

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão aborda o fenômeno das ocupações das escolas e universidades ocorridos em 2016, cuja pauta inicial era barrar a PEC do teto dos gastos, conhecida pelos estudantes como a “PEC do fim do mundo” e, mais especificamente, no caso dos estudantes secundaristas, a reforma do ensino médio.

O processo das ocupações fez parte de uma série de movimentações políticas que ocorrem nesse início de milênio no Brasil e em todo mundo. No contexto brasileiro um dos movimentos importantes é o da Revolta da Catraca, ocorrida em 2002 em Florianópolis, cuja força estudantil organizada teve como pauta específica a luta por mobilidade urbana gratuita. Manifestações dessa natureza foram recorrentes ao longo da primeira década desse século, e eclodem com força e de forma mais generalizada em 2013, a partir da luta contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo, gerando o fenômeno que ficou conhecido como Jornadas de Junho, que levou às ruas movimentos de diversas classes, matrizes e espectros políticos, numa convulsão de pautas políticas.

Esses movimentos inauguram novas formas de mobilização social no Brasil, cuja organização guarda em alguma medida semelhança com os movimentos que se desenvolveram no plano internacional, como as revoltas na Islândia contra a crise financeira (2008), Primavera Árabe (2010), a revolução de Jasmim na Tunísia (2010-2011), o movimento *Occupy Wall Street* (2011), o *Movimiento 15-M* na Espanha, fortemente articulado pelas redes sociais (2011) etc. Característica fundamental desses movimentos, no que tange a sua organização, é a ausência visível de centralidades partidárias ou a figura do líder, sendo impulsionadas por uma junção de vários grupos sociais em ressonância com pautas e demandas político-sociais, amarradas num movimento que não tem como eixo as instituições tradicionais como partidos e sindicatos. (CASTELLS, 2013)

Essas novas formas de efetivação da participação política, que pressupõem certo afastamento relativamente aos partidos e entidades associativas e sindicais, bem como a rejeição à ideia de lideranças personalizadas, privilegiando, ao contrário, a articulação em rede e a ação direta e descentralizada como estratégia de desobediência civil e de luta por direitos, conduzida, sobretudo, por atores sociais

mais jovens, tem sido recorrente desde o início deste século (CASTELLS, 2013; GOHN, 2019; HARVEY, 2012).

Essas formas de mobilização social apontam para um processo de perda ou deslocamento das raízes trabalhistas que eram típicas aos movimentos clássicos, que viam na narrativa marxista de classes sociais, de luta contra opressão do capital e a exploração burguesa sob o proletário no mundo do trabalho a sua inspiração e finalidade.

Essas novas mobilizações eclodem em um panorama de lutas contra a opressão do Estado e do capital contra as liberdades e na busca por uma democracia com mais direitos e pela ampliação da cidadania (em alguns casos pela ampliação da liberdade, em outros por democratização, ou contra um regime opressor). No caso da Primavera Árabe temos uma luta contra a opressão um regime ditatorial em alguns países; no caso da Espanha e Islândia contra a ausência da participação social nos processos de tomada de decisão e; no caso do *Occupy Wall Street* a mobilização contra o capital financeiro. Há várias mobilizações sociais em amplos aspectos e, no bojo dessas formas de mobilização, as ocupações se enquadram como um movimento inserido nessa realidade, compartilhando um tempo histórico e semelhanças que serão abordadas ao longo do trabalho. (HARVEY, 2012; CASTELLS, 2013)

As ocupações estudantis no Brasil, embora não guardem relação direta com esses fenômenos de mobilização e luta social em outras partes do mundo, compartilham em alguma medida o tempo histórico e aspectos semelhantes nas formas de organização e participação política.

Em Pernambuco, foram ocupados em torno de 45 prédios de escolas e universidades. Tal fenômeno inédito mobilizou sujeitos dentro das comunidades onde houve ocupação, seja no sentido do ataque ou na defesa dos alunos ocupantes. O processo do conflito entre alunos e secretaria de educação, em alguns casos envolvendo a força policial, tornam a ocupação um momento histórico ímpar para percepção da tônica dos movimentos juvenis.¹

¹ <http://g1.globo.com/pernambuco/educacao/noticia/2016/11/cresce-numero-de-ocupacoes-em-escolas-estaduais-de-pernambuco.html>

Para avançarmos na compreensão do fenômeno das ocupações de escolas em Pernambuco, a presente pesquisa toma como ponto de partida três conceitos fundamentais: participação política, juventude(s) e movimento estudantil. No campo da participação política, nota-se a mudança na forma e nos moldes de participação política, quando os jovens buscam um distanciamento dos partidos como forma hegemônica de organização e participação política desde o início das democracias liberais até os tempos atuais, e buscam outras formas de mobilização social. E no bojo dessa transição os movimentos estudantis, ainda que permeados por diferentes organizações partidárias, estabelecem diálogos e se articulam com esses movimentos que se apresentam independentes relativamente aos partidos.

Esse fenômeno é recente e complexo. Assim, partimos da seguinte questão: Quais os sentidos e significados do fenômeno político das ocupações de escolas na região metropolitana do Recife sob a perspectiva dos estudantes?

A pesquisa busca compreender as experiências dos movimentos de ocupação a partir da perspectiva dos estudantes que participaram do processo de ocupação da escola. Esses movimentos tornam-se de extrema importância para compreensão da conjuntura política do movimento estudantil e da atmosfera política do País naquele contexto. A pesquisa possui ainda como desafio analisar, no campo sociológico, o processo e as formas sociais das ocupações nas escolas em Pernambuco e, teoricamente, contribuir para a compreensão das formas atuais de participação juvenil na vida política do país.

A priori, temos uma movimentação política intensa advinda de uma conjuntura política de contenção de gastos públicos que atinge a área da educação com a PEC do teto de gastos e a reforma do ensino médio. No bojo disso a crise política do governo Temer, cuja popularidade estava em frangalhos, foi a pólvora acesa pela fagulha dos cortes. A partir daí desenrola-se um processo de mobilização que tem como inspiração as ocupações já ocorridas no Chile e em São Paulo. Esses movimentos são inovadores, e se espalham exponencialmente no Brasil, seguindo muito fortemente a experiência chilena, que gerou um manual de como ocupar uma escola (O MAL EDUCADO, 2015).

A forma de mobilização é o grande diferencial desse movimento, no que tange às relações sociais e às formas de organização dos estudantes. Houve uma negação constante da hierarquização dentro das escolas, sendo as decisões tomadas em assembleia e as lideranças ou representantes assumindo uma natureza cíclica, sem

deterem um poder diferenciado dos demais, ao ponto de o movimento se colocar apresentar como "sem líder.

Há então uma experiência única de movimento social sem hierarquias sólidas, onde a construção do movimento se deu de forma horizontal e sem predominância de outros grupos políticos externos a realidade daquele espaço. A partir disso, é possível, pelo estudo de caso, compreender como surge e se efetiva esse movimento único e as formas de mobilização que emergem junto a esse fenômeno.

Cabe mencionar que esta temática foi objeto de pesquisas que realizamos no âmbito de projetos de iniciação científica realizados na FUNDAJ, sob a coordenação do Prof. Túlio Velho Barreto. Desenvolvi estudos sobre essa temática, com trabalhos apresentados em eventos e participação em livros². Nessa pesquisa retomamos esses trabalhos pretéritos, incorporamos novos atores e agregamos um estudo de caso contemplando a experiência dos estudantes de uma escola em Pernambuco.

De uma forma preliminar, entendemos as ocupações como um fenômeno social único na história das lutas sociais no Brasil contemporâneo. As influências desses estudantes que ocuparam vêm das experiências similares nas escolas de São Paulo e o movimento generalizado de ocupações no Chile, que será trabalhado em uma parte da revisão de literatura. A partir disso, as experiências dos estudantes pernambucanos se aproximam em questões estruturais no que tange à práxis política, diferenciando-se em conjunturas e pautas de enfrentamento.

O objetivo geral do estudo é compreender o fenômeno das ocupações estudantis em 2016 na cidade de Recife/PE, através de um estudo de caso da ocupação do colégio Ginásio Pernambucano, pela perspectiva dos estudantes que participaram da ocupação.

Já como objetivos específicos, estabelecemos:

- Contextualizar o fenômeno das ocupações estudantis em Pernambuco dentro de um momento histórico de movimentos de lutas e reivindicações.
- Mapear as diversas percepções a respeito da participação política de jovens que ocuparam o Ginásio Pernambucano;

² O primeiro trabalho é o PIBIC pela FUNDAJ “Juventude e participação política no ensino médio sob a perspectiva de docentes e gestores de uma escola pública em Pernambuco” de 2018 e o segundo, também pela FUNDAJ é o “Juventude e participação política no ensino médio sob as perspectivas de professores de sociologia de escolas públicas em Pernambuco” de 2019, ambos trabalhos estão disponíveis nos anais do PIBIC da FUNDAJ.

- Identificar como estudantes percebem o espaço e as relações sociais ali existentes antes, durante e depois das ocupações.
- Analisar como se dá a participação política dessa juventude após as ocupações, especialmente quanto ao conteúdo, às formas e às relações sociais estabelecidas nesse processo

A metodologia da pesquisa assume fundamentalmente um caráter crítico e exploratório dos sentidos e significados do fenômeno das ocupações estudantis no Brasil. Mais especificamente, buscou-se apreender o significado social e político da ocupação realizada pelos estudantes da Escola de Referência Ginásio Pernambucano, localizada em Recife no ano de 2016.

Para tanto, a pesquisa possui como objeto empírico um caso de ocupação na região metropolitana do Recife. Dentro desse recorte, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza eminentemente qualitativa, com utilização de entrevistas semiestruturadas, que consistem em diálogos realizados com os sujeitos implicados diretamente no fenômeno a partir de um roteiro pré-estruturado, que não é fechado, dando vazão para perguntas fora dele ao longo das entrevistas. Também foi utilizada a busca por páginas em redes sociais administradas pelos estudantes no momento da ocupação, onde são compartilhadas fotos, cronogramas de atividades, documentos e posicionamento dos estudantes para a sociedade.

A utilização da técnica da entrevista para a obtenção de dados e informações foi fundamental. A natureza qualitativa da pesquisa visa o aprofundamento sobre o fenômeno estudado, sendo necessário guiar a conversa à medida que os fatos vão sendo apresentados pelos entrevistados.

A partir da coleta desses dados, foi possível organizar cronologicamente o processo de ocupação, analisar as formas de associação e participação política, as afiliações e desavenças políticas do movimento, e uma série de camadas da configuração política do movimento.

Outro eixo importante da investigação é constituído pela leitura e sistematização do material bibliográfico sobre o tema, a partir das categorias centrais da participação política, juventudes e movimento estudantil. Além disso, realizamos o levantamento das matérias produzidas em jornais de circulação estadual do período que trataram das ocupações estudantis em 2016, bem como o levantamento de dados

primários constituídos por comunicados e textos produzidos pelos estudantes durante e após o período da ocupação.

No tocante a escolha dos atores sociais, a pesquisa deu preferência a três tipos de atores:

- Estudantes do Ginásio Pernambucano que estiveram na ocupação.
- Pessoas que estiveram presentes na ocupação;
- Liderança de movimentos políticos ligados diretamente a ocupações, ou que tiveram papel secundário no suporte a esses movimentos.

Foi conferido total anonimato aos estudantes. As entrevistas e os demais materiais e informações coletadas no processo investigativo serão analisadas quanto ao conteúdo a partir das categorias centrais que estruturam o fenômeno, que são a participação política, as juventudes e o movimento estudantil.

As entrevistas realizadas com os estudantes foram guiadas por dois parâmetros: a) a reconstituição da ocupação enquanto fato histórico, detalhando o processo de ocupação e as mobilizações que esses jovens teceram com as outras ocupações e com outros movimentos sociais; b) a percepção crítica desses estudantes em relação as vivências e conflitos que passaram e em relação a estrutura escolar e a situação política que estavam vivendo. As perguntas se direcionam nesses sentidos, buscando através dos eventos demonstrados na ocupação uma visão crítica sobre a sociedade e sobre a escola.

O dimensionamento da amostra ou da quantidade de entrevistas teve como parâmetro o método da "bola de neve", quando um entrevistado indica outros sujeitos relevantes para a coleta de informações. Dado a situação pandêmica da COVID 19, os entrevistados foram escolhidos a partir da disponibilidade de se efetuar entrevistas pelo Google Meet ou outras formas de gravação à distância.

Os resultados da pesquisa estão divididos em dois capítulos, o primeiro trata dos conceitos de participação política e juventude, o segundo capítulo trata sobre os movimentos anteriores as ocupações, as ocupações em Pernambuco e a Ocupação do Ginásio Pernambucano, e por fim as considerações a respeito dos fenômenos da ocupação estudantil.

1 JUVENTUDES: CONCEITO, VIVÊNCIAS, FORMAÇÃO

O fenômeno das ocupações estudantis coloca de imediato a necessidade de compreensão tanto das especificidades dos atores, no caso os jovens em idade escolar, como os movimentos e lutas sociais que esses atores historicamente desenvolvem para afirmar seus interesses e demandas próprias. Sendo assim, esse capítulo se propõe a analisar os conceitos de juventude e participação política. Primeiro iremos nos deter na ideia de juventude, sua constituição histórica e as formas como esse grupo social interage e se impõe na sociedade. O segundo eixo diz respeito ao conceito de participação política, na perspectiva de entender as dimensões pertinentes às ocupações e como se configura atualmente a participação política na era da internet e das redes sociais.

Cabe registrar, inicialmente, que o conceito de juventude nasce após a revolução industrial. Antes disso as crianças eram tratadas como adultos em formação. Com a ascensão do capitalismo, foi necessário expandir a mão de obra especializada para o trabalho, demandando maior tempo de preparo, tanto para atividades de intelecto quanto para atividades braçais, tendo o conceito se originado dessa fase onde há uma menor exigência para o trabalho e um maior tempo para a formação (LIMA FILHO, 2015).

A percepção de que a juventude não é algo dado é importante para a quebra da naturalização, já enraizada na sociedade, sobre a figura do jovem, tido como desprovido de crítica e de posicionamento. O que é possível visualizar tanto na história quanto no presente trabalho é justo o contrário, que a racionalidade e a crítica presentes nas manifestações e posicionamentos da juventude enquanto extrato social é algo presente desde quando esse grupo começa a se mobilizar.

A juventude aflora como um novo grupo social aproximadamente em 1950, com um discurso visivelmente de oposição aos demais da sociedade (LIMA FILHO, 2015), que demonstra o caráter político da juventude como atores, tendo na luta contra os velhos a sua construção, não sendo algo natural (BOURDIEU, 1983). Esse conceito ganha um corpo de signos que vão ampliar as dimensões do que é ser jovem, que envolvem a faixa etária, a disposição biológica, a cronologia (que se refere à memória de alguém sobre o que teria sido a sua juventude) e a estética (LIMA FILHO, 2015).

Segundo a OMS a juventude enquanto faixa etária é dos 15 aos 24 anos, entendida como uma fase que vem posterior a adolescência, que se refere unicamente a maturação do corpo e a uma tipificação de uma faixa de idade para melhor dimensão desse grupo. Porém, o conceito de juventude é amplo e também abarca uma série de estigmas ligadas a condição física, ou a um tipo de postura e atitude.

A dimensão estética da juventude foi supervalorizada pela sociedade contemporânea que, com o processo capitalista, transformou o ser jovem em um produto. Diversos eixos de mercado como as clínicas de estética, moda, maquiagens, musculação, alimentação etc. usufruem dessas demandas pela intensa tentativa de reter a juventude pelo máximo de tempo possível, tornando-a um propósito (LIMA FILHO, 2015).

O recorte que a pesquisa vai abordar com maior interesse está ligado à compreensão da juventude enquanto grupo social ativo, e como se manifesta politicamente na sociedade, manifestação que acaba sendo contestada por certos grupos sociais que estigmatizam a presença da juventude dentro da política. Um estigma muito comum atribuído aos jovens, constituída desde meados de 1980 até a primeira década do século XXI, é o de uma “apatia juvenil” no que tange a participação e política. Essa afirmação, que nasce de um senso limitado de participação, é desmontada por estudos que buscam compreender o universo desses grupos juvenis, os novos modos de interação, entretenimento, participação, vivências, que moldam essa juventude atual (CASTRO, ABRAMOVAY, 2009).

Pode-se identificar o movimento juvenil como contra hegemônico, cujas pautas se constroem ao entorno de uma visão de participação diferente do modelo hegemônico de democracia (RIBEIRO, LÂNES, CARRANO, 2005). O movimento de ocupação das escolas, sendo também um movimento juvenil com uma faixa etária determinada, identificado como sendo secundarista autônomo, que mesmo com o apoio e a influência de diversos grupos (sindicalistas, universitários, partidários ou populares), manteve o seu protagonismo, ganhando o respeito de amplos setores sociais (MORAES, XIMENES, 2016).

As influências que os jovens sofrem por agentes sociais (família, mídia, escola, colegas, internet) é parte da socialização, que se pode entender por um processo de formação, através da transmissão e assimilação, de práticas, comportamentos, entendimentos e valores que influenciam a forma como se vê a si próprio e aos

demais. A socialização primária, que é a educação que se recebe no âmago da família, tem uma preponderância duradoura, mas as diversas socializações, sobre as quais o indivíduo vai se deparando ao longo do tempo, pode remodelar seus valores (TOMIZAKI, CARVALHO-SILVA, SILVA, 2016).

É importante superar a noção passiva do modelo clássico do processo de socialização da criança, onde ela absorve a cultura e os valores de maneira inativa. Esse modelo clássico é criticado pelos teóricos contemporâneos por subestimar a capacidade cognitiva da criança, que tem um papel ativo nesse processo de construção e negociação (CASTRO, GRISOLIA, 2016).

Pelo fato dessas noções persistirem, tem-se a visão de que as crianças não são preparadas para envolver-se na vida pública, tendo que ser educadas para tal atividade (CASTRO, GRISOLIA, 2016). Assim, a socialização política é o processo de formação em que são transmitidos valores, práticas, percepções a respeito da política (TOMIZAKA, 2016). Tal definição coloca a criança como um ser apolítico, que é influenciado por agentes externos para assim tornar-se político. Mostra-se então uma crítica a essa definição, tentando-se aproximar a política da infância (CASTRO, GRISOLIA, 2016).

Recentemente tem havido um esforço para aproximar os campos da política e da infância por meio da revisita ao conceito de cidadania. Diversos autores sustentam que possuir direitos é uma das características de ser cidadão, e a partir disso as crianças devem, pelo menos em parte, ser vistas como cidadãos (JANS, 2004; LARKINS, 2014; LISTER, 2007; MOOSA-MITHA, 2005). Distante de um enquadramento liberal, essa perspectiva considera os diferenciais pelos quais a cidadania é exercida como direito universal de todos e de todas. Dessa feita, as crianças provavelmente não exercem sua cidadania da mesma forma que os adultos, mas, de fato, devem ser consideradas cidadãos porque na medida em que participam da vida social e de sua reprodução possuem determinadas responsabilidades e determinados direitos (CASTRO, GRISOLIA, 2016, p. 974).

No espaço escolar, a socialização funciona através da lógica da transmissão de conhecimento de maneira mecanizada, tendo a criança um papel passivo dentro dessa lógica que valoriza a questão produtivista e dá pouco enfoque à questão da cidadania, limitando drasticamente a participação dentro das escolas e a perspectiva de uma transformação social. A proposta então defendida é a de democratização da escola, no sentido de proporcionar espaço para que os estudantes possam expor suas individualidades, seus valores e suas ideias. A igualdade que existe nas escolas atualmente é apenas formal, pois reproduz o sistema hierárquico e de desigualdade

social em sua estrutura eurocêntrica (LIMA, 2015). Diferentemente, pensar a democratização da escola implica em uma nova pedagogia, como, por exemplo,

⊖ ensino de Sociologia, na escola básica, pode romper com uma certa contemplação crítica da vida social para se constituir em instrumento de intervenção efetiva da juventude no espaço social. Em outras palavras, colaborar para que a crítica advinda da descoberta pelos estudantes, da dinâmica de constituição e reprodução das relações e da estrutura social que gera as situações de dominação e desigualdade que vivenciamos no cotidiano, se transformem em ações que de fato proponham novas formas de organização da vida social (LIMA,2015, p.1).

A escola e a sua estrutura hierárquica e de dominação dos estudantes, que são tratados ao pé da letra do significado da palavra “Aluno”, vai de encontro ao que a juventude demonstra e vem demonstrando cada vez mais enfaticamente: a vontade de participação e a autonomia de pensamento. As ocupações das escolas são exemplos de como a falta de participação e de voz dos estudantes dentro da estrutura escolar e a forma arcaica de ensino podem mobilizar os estudantes para ir de encontro e buscarem espaços de participação. A necessidade de a escola tornar-se democrática possibilita uma maior afeição do aluno com o ambiente escolar. Quando o ambiente escolar acaba sendo hostil, juntam-se outras questões que afligem o jovem, e representam um entrave em seu desenvolvimento.

Dentre as muitas questões sociais que inquietam os jovens, pode-se detectar que essas preocupações estão diretamente relacionadas ao bem estar e à sobrevivência deles próprios. A preocupação com a violência, desemprego e educação precária são questões que implicam diretamente na vida dos jovens, ainda mais os de classe C, D e E. Além disso, essas problemáticas também são obstáculos para uma participação efetiva dos jovens, pois a violência impede a ocupação dos espaços públicos, o desemprego gera insegurança financeira que os desestabiliza e a educação precária impede o funcionamento das escolas como lugares participativos e também dificulta a mobilização e a capacitação desses jovens (RIBEIRO, LÂNES, CARRANO, 2005).

O processo de socialização do jovem é muitas vezes conflituoso, no sentido de que tendem a subverter a ordem posta. Na questão cultural mostra-se como a relação entre tradição e juventude pode ser tanto enriquecedora como de desentendimentos, pois no que os jovens tendem a apreender do que se é passado pela tradição, eles

tendem a querer inovar, instalando o conflito entre o costume e a inovação (SILVA, 2015).

Assim, os jovens ritmistas que compõem a equipe pelo segundo ano consecutivo defendem a necessidade de mudança na técnica da bateria, enquanto outro grupo de jovens, juntamente com os componentes veteranos, se desligou da bateria por ter concepção contrária. A concepção dos atuais diretores de bateria é de que ritmista é aquele que produz ritmo, som com técnica. Por isso, eles costumam fazer alguns cursos relacionados à percussão e repassar os novos conhecimentos aos mais jovens nos ensaios técnicos ou nas oficinas. Já o batuqueiro – termo mais utilizado pelos veteranos – faz apenas barulho, batuca em qualquer coisa ou lugar, baseando-se apenas na sua experiência. Essa diferença, que se exprime, em princípio por ordem técnica, vai implicar a disputa pela concepção de tradição, em que os veteranos afirmam que os “novos” estão tirando a essência da bateria. Em contraposição, os mais jovens reconhecem a importância da tradição na escola, mas consideram ser relevante “aperfeiçoar” o toque (SILVA, 2015, p. 1).

Na questão religiosa mostra-se que os jovens tendem a não seguir uma determinada instituição religiosa, e tendem a professar sua fé por conta própria.

O panorama religioso contemporâneo é marcado pela individualização da experiência e a subjetividade das crenças. Essas tendências assinalavam, no final do século XX, o processo de desinstitucionalização ou desregulação institucional destacado por Hervieu-Léger. Assim, observava-se o enfraquecimento das instituições face à autonomia do sujeito crente. Para ela, os sistemas religiosos são dissolvidos pela modernidade e cada vez menos regulam a participação e a crença dos indivíduos. Porém, essa desregulação das instituições religiosas pode não significar necessariamente o declínio da religiosidade, mas está vinculada à escolha individual. Nessa perspectiva, podemos entender o jovem crente na atualidade como um agente de construção da sua identidade religiosa a partir dos recursos simbólicos disponíveis, o que ocorre não mais pela força da tradição, mas por suas necessidades individuais, destacado nas análises de Hervieu-Léger como “individualismo religioso” (MESQUITA, 2015, p. 1).

Nota-se então a posição do jovem de negação das hierarquias existentes nos grupos culturais, políticos, religiosos e escolares. Buscando relações horizontais onde existe a possibilidade do diálogo de iguais e da participação sem restrições.

Durante o fim da primeira metade do século XX até o início do século XXI, a participação dos jovens era efetuada no processo de ocupação da cidade. Nota-se a maneira como a juventude ocupa os espaços públicos e a maneira como eles fazem a dinâmica de transformação desses espaços, e que essas dinâmicas são construídas de maneira que apenas os que compartilham dessa lógica conseguem acompanhar e entender o movimento.

Os corpos juvenis constituem um mapa ambulante da metrópole. Mesmo quando se trata de cidades com fronteiras nítidas de sociabilidade e segregação, o nomadismo juvenil acaba por transmutar e reconfigurar as práticas de espaço, referindo-me a uma expressão usada pelo historiador francês Michel de Certeau no livro “A invenção do cotidiano” (2000), efetuadas por esse segmento. De modo geral, os fluxos de jovens no ambiente urbano transpõem a invisibilidade dos bairros de periferia e criam um mapa não fixista da cidade, apenas identificado e experimentado por quem pactua a lógica do movimento (DIÓGENES, 2015, p. 1).

No contexto atual das ocupações nas escolas, o instrumento de comunicação que potencializou o alcance e o impacto dessas ocupações, fortalecendo a coesão do movimento estudantil em uma escala nacional, foi à internet. Com o acesso cada vez mais amplo e a possibilidade de se comunicar a longas distâncias de forma instantânea, a internet possibilitou uma forma de socialização essencial. Mobilização mundo a fora (“Primavera Árabe”, *Ocupe Wall Street*) e no Brasil também ocorreram tendo como plataforma a internet. (BAQUEIRO, BAQUEIRO, MORAIS, 2016)

Nesse sentido, o processo de socialização estaria, atualmente, ocorrendo em circunstâncias diferentes, nas quais a internet aparece como mecanismo central de outro tipo de socialização política. Ao aumentar a comunicação, além de unir grupos e indivíduos diferentes que nunca haviam tido contato anteriormente, a internet possibilita aos jovens assumirem comportamentos e causas de natureza social e política de seu interesse, constituindo-se — no que refere Feenberg (1999) —, como uma tentativa de conduzir a tecnologia para fins mais democráticos (BAQUEIRO, BAQUEIRO, MORAIS, 2016, p. 993).

A escola, assim como a internet e as ruas, são canais onde a juventude se manifesta de forma intensa. Porém, o mal estar vindo da insegurança do espaço público e a precariedade da escola prejudicam a ocupação desses locais (RIBEIRO, LÂNES, CARRANO, 2005).

É interessante, por fim, ressaltar a importância das escolas como espaço público, onde há o processo de construção de identidade e de tensões do processo de socialização, onde os jovens passam maior parte do seu tempo e constroem amizades e afetos. O processo de ocupações são reações às ameaças a esse espaço de extrema relevância não só para os jovens que ali estudam e convivem, mas a toda comunidade. Toda essa coesão das comunidades, alunos e professores dá-se para defender a escola como espaço de aprendizado e de participação.

1.1 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS JUVENIS NO BRASIL

O segundo conceito principal para o presente trabalho é o de participação política. Um dos termos mais utilizados na modernidade, está associado diretamente à vida democrática e à ideia de cidadania. A depender da época ela pode estar entrelaçada a certas pautas, mas sempre circula em torno da noção do direito e da democracia. A autora Maria da Glória Gohn nos traz essa discussão e elenca três níveis básicos para a análise da participação política, e a pesquisa enfatiza o terceiro nível da prática social, presentes nas ações diretas e de luta dos estudantes com fins de mobilização para influenciar nas políticas que estavam sendo engendradas pelo governo Temer.

o conceitual, o político e o da prática social. O primeiro apresenta um alto grau de ambiguidade e varia segundo o paradigma teórico em que se fundamenta. O segundo dado pelo nível político, usualmente é associado a processos de democratização (em curso ou lutas para sua obtenção), mas ele também pode ser utilizado como um discurso mistificador em busca da mera integração social de indivíduos, isolados em processos que objetivam reiterar os mecanismos de regulação e normatização da sociedade, resultando em políticas sociais de controle social. O terceiro, as práticas, relaciona-se ao processo social propriamente dito; tratam-se das ações concretas engendradas nas lutas, movimentos e organizações para realizarem algum intento, ou participar de espaços institucionalizados na esfera pública, em políticas públicas. Aqui a participação é um meio viabilizador fundamental (GOHN, 2016, p.16,17)

As teorias a respeito da participação política remontam à Grécia antiga, nas origens da participação do cidadão diretamente nas decisões. Porém os estudos a respeito do tema nascem na modernidade, com Rousseau e os teóricos políticos liberais como John Stuart Mill, Toqueville, G.D.H Cole. A temática também vai ser desenvolvida por outras correntes como os socialistas libertários, os utópicos e pelo próprio Marx e Engels e os marxistas que se seguem a eles, com diferentes vieses e enquadramentos dentro da ciência política. (GOHN, 2019)

Quando se trata da sociologia a temática da participação pode ser considerada fundante, trabalhada nos primeiros autores como parte da teoria da ação social, tanto weberiana quanto parsoniana, que partem da ideia da participação comunitária. Ao longo dos anos o debate se desloca de perspectiva, de acordo com a conjuntura política, que vai impor uma nova forma de observar o fenômeno. Com o período de

ditaduras militares, repressão e violação do direito à liberdade de expressão na década de 70, ganhou força a perspectiva da participação popular da sociedade civil. Com a volta à democracia, a participação política foi ganhando uma relevância enquanto critério de cidadania, associada a ideia de exclusão social e direitos humanos. A participação também está relacionada fortemente à ideia de educação, com teóricos como Paulo Freire que abordam educação como possibilidade modificação da realidade social. (GOHN, 2019)

Atualmente a temática da participação política foi fortemente ressignificada. A hegemonia do pensamento político do século passado e do início desse século tinha no voto a maior manifestação da participação política, assim como a participação partidária e comunitária. Também é visualizado por alguns autores no século passado as crescentes tendências de participação mais incisivas, como ocupações, marchas e protestos, que ganhariam um especial protagonismo na atualidade. (GOHN, 2019)

Diversas formas de abordagem são colocadas para analisar a participação política, pensada enquanto engajamento. Temos dez abordagens levantadas por Maria da Glória Gohn, das quais seis dialogam diretamente com o objeto de estudo: a posição social do indivíduo na sociedade, identidade coletiva, reconhecimento de direitos, engajamento militante, cyberativismo e autonomista. (GOHN, 2019)

A posição social dos indivíduos diz respeito a uma perspectiva trazida principalmente pela ideia de Bourdieu, na qual o engajamento político está ligado a posição do indivíduo diante das desigualdades sociais, tornando pessoas que estão em situação de marginalidade ou de exclusão a ter uma maior tendência de engajamento, também ligado aos espaços de socialização, que vão além da escola e da família. A identidade coletiva diz respeito a fatores culturais e de identidade dos participantes, ligadas à ideia de pertencimento e do engajamento em comum desses entes. As duas primeiras correntes têm importância especial para a pesquisa devido a identificação da posição social do estudante na sociedade, que referencia e diz sobre suas pautas e a visão de sociedade e demandas expressas nas manifestações. A identidade coletiva que a condição de jovem e de estudante imprime a esse grupo, que é diverso, carrega algo em comum que se constrói na vivência e no espaço da escola.

A ação coletiva decorrente de um grupo social é medida pela apreensão cognitiva dos atores diante das condições estruturais postas em questão. Portanto trata-se de uma abordagem construtivista, e a identidade é

relacional e construída no tempo e no espaço. Ela representa a identificação do “nós” e do “outro”, e, dentro do conflito social, permite se autoidentificar e identificar o inimigo. (GOHN, 2019, p.42)

Outra parte importante de ser analisada para melhor compreensão dos movimentos é a mudança que acontece com o advento da internet, que remonta novos movimentos sociais e formas de organização. Esses novos movimentos divergem qualitativamente dos tradicionais no que tange a estrutura, que abrange suas práticas políticas de protesto e sua forma organizacional, e em suas pautas e demandas. Movimentos como o da Islândia, Espanha, Tunísia e as revoltas árabes modelam um modo de participação e articulação política estranho aos moldes que conhecemos na história. E esses seriam movimentos sociais atípicos e que se potencializaram pela utilização da internet como instrumento de mobilização política que possibilitou a ocupação massiva do espaço público como instrumento de enraizamento do movimento dentro das estruturas políticas do país. (CASTELS, 2013)

Os novos movimentos sociais passaram por mudanças, que implicam em novas pautas, que não se prendem mais apenas a questões de classe social e desigualdades, ou seja, à luta de classes, que dentro do campo político engendra uma agenda de mudança de sistema, de um regime capitalista para um regime socialista, que vem das demandas por redistribuição. As lutas sociais atualmente tornam-se permeáveis a diversas pautas que englobam grupos sociais culturalmente desfavorecidos e a inclusão participativa de grupos dentro do processo de tomada de decisão e da ocupação dos espaços públicos, que tem a ver com políticas de reconhecimento. (FRAZER, 2001)

Dentro dos movimentos juvenis, a inclusão das novas pautas fica igualmente evidente a partir da década de 80. A partir dos novos movimentos sociais presentes no Brasil, como o movimento feminista, LGBT e negro ganham forças e passam a lutar contra as pautas de inferiorização social e discriminação, presente na realidade brasileira. (CASTRO, ABRAMOVAY, 2009)

Desde a década de 80, a juventude tem definidos novos parâmetros no que concerne à sua participação política na sociedade. Emergem, em nosso dia a dia, diversos movimentos jovens que não mais se resumem às organizações partidárias, sindicatos e grêmios estudantis. Também as temáticas suscitadas por esses movimentos não mais se orientam seja para mudanças sociais macroformatadas, seja para questionamento do sistema capitalista como a luta pelo socialismo. Mas, em contrapartida, indo contra a corrente de análises lineares, não necessariamente as que insistem em mudanças sociais e lutas político-partidárias e sindicais desapareceram ou

se colocaram de forma dicotômica. Ao contrário, como já sublinhado na apresentação do perfil de grupos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas de Juventude, em abril de 2008, muitos combinavam frentes de lutas identitárias com debates sobre sistemas sociais, o que, adianta-se, não é tão enfatizado na literatura sobre juventude e participação da década de 90, no Brasil (CASTRO, ABRAMOVAY, 2009, p.29).

Nesse contexto, os movimentos de ocupação se encontram no bojo dessas novas formas de participação política. A maneira como foram desenvolvidas as ocupações no Brasil guardam semelhanças com as manifestações que ocorreram em todo mundo nessa década. As manifestações da Islândia, Espanha e Tunísia se orquestraram de uma forma não hierarquizada, diferente da forma convencional partidária. Busca-se nesses movimentos uma permeabilidade de vozes, que caracterizam as formas de participação política da década de 80 para atualidade. (CASTELS, 2013; CASTRO ABRAMOVAY, 2009)

Adentrando mais a fundo nos movimentos sociais e políticos que emergiram nesse século, mais especificamente nessa década, que influenciaram decisivamente os processos de coesão política dos grupos juvenis e mais especificamente, no bojo da temática do trabalho em questão, os movimentos de ocupação, temos uma crescente de movimentos no Brasil e na América Latina, tendo como movimentos mais intrinsecamente ligados aos da ocupações de 2016 a “revolta dos pinguins” no Chile em 2006 lutando pela gratuidade da educação, as jornadas de junho de 2013 e as ocupações de São Paulo em 2015 contra a reorganização escolar.

2. O CONTEXTO DAS OCUPAÇÕES NO BRASIL E EM PERNAMBUCO

Neste capítulo vamos nos deter no contexto mais geral do fenômeno de ocupações de escolas no Brasil, analisando eventos que antecedem as ocupações, que de certa forma iniciam a ideia da mobilização política através da ocupação do espaço público. Num segundo momento iremos entrar nos primeiros fenômenos de ocupação estudantil, que começaram em 2015 nas escolas em São Paulo e voltaram a ocorrer, numa outra conjuntura em todo o Brasil no ano de 2016, o ano da ocupação que iremos estudar.

2.1 ANTECEDENTES: A JORNADAS DE JUNHO E O MOVIMENTO PASSE LIVRE (2013)

As manifestações que ocorreram em junho de 2013 possuem uma importância no cenário político brasileiro, devido a ser o primeiro grande movimento de rua realizado com a utilização fundamental das plataformas virtuais como impulsionadoras dos protestos numa escala nacional. Em cada localidade houve uma organização para os protestos, porém, sem uma liderança fixa, ou grupo político hegemônico, possibilitando a emergência de uma série de grupos, de alinhamentos políticos extremamente opostos. Essa pluralidade, somada a força que esse movimento impôs às estruturas políticas faz das jornadas um fenômeno fundamental para análise dos movimentos políticos e sociais nessa nova era das redes.

Essas manifestações são amplas, plurais, apartidárias e de orientação anarquista ou neo-anarquista (fala-se de “ação direta e “cultura mobilizatória”). Ninguém as representa, ninguém fala por elas. É um conglomerado espontâneo de grupos e categorias, as mais diversas possíveis. Mas tem um elemento em comum: o ressentimento da política, dos políticos e dos partidos políticos. (ZAIDAN FILHO, 2014, p. 55-56)

O grande número de jovens mobilizados nas jornadas de junho e o protagonismo que exercem nessas mobilizações são fatores que tornam importante a análise desse fenômeno para a pesquisa, pois ele foi o primeiro de escala nacional que reverberou nas estruturas políticas brasileiras tendo como público principal os jovens, e como meio de comunicação e articulação as redes sociais. Esses

movimentos mostram a disposição da juventude no campo da participação política através da ocupação do espaço público e da utilização da plataforma virtual, que reacende a perspectiva de uma juventude politizada e a par das questões políticas, econômicas e sociais.

Além das questões óbvias ligadas ao mercado de trabalho e a profissão, a juventude utilizou uma ferramenta com qual tem uma enorme afinidade: a rede mundial de computadores, a internet, o twitter, o facebook, a caixa postal eletrônica, etc. É um tipo de participação virtual, part-time que permite estar em várias redes ao mesmo tempo, sem se entregar a nenhuma delas. É uma forma de confraternização, de festa, de espetáculo. É como se fosse uma reinvenção do espaço público, onde todos podem se olhar nos olhos e celebrar a democracia. Trata-se de uma nova forma de sociabilidade mediada pelas tecnologias de informação que tratam rapidamente de muitas informações e são facilmente acessíveis. É uma nova alfabetização digital. Tem estado no coração de muitos movimentos juvenis contemporâneos: na China, no Irã, no Egito e no Brasil. Os jovens não precisam de muita coisa para se mobilizar: basta a idade [e os hormônios] e uma paixão. (ZAIDAN FILHO, 2014, p.56)

De fato, há semelhanças ao observarmos as manifestações com o que aconteceu nas revoltas árabes, na Islândia, Turquia e Espanha. Porém, no caso brasileiro não houve nesse processo uma convergência de diálogo entre os grupos, espaços de debate e participação política. Aqui o processo foi o da polarização política, sem contar que as revoltas no Brasil tinham uma característica de crítica ao mal estar social, causado pela crise econômica, que cumulou com uma crise ética com a crítica à ordem política brasileira causando o descrédito que o governo sofreu ao longo do mandato. (ZAIDAN FILHO, 2014; PINASSI, 2014)

As causas moventes das manifestações que se realizam em cada canto do território brasileiro são, a princípio, de ordem econômica. A população trabalhadora de todo país, em que pesem as políticas de arremedo social que o Estado lhes destina, é diuturnamente atingida por precarizações e pauperizações no mais amplo sentido do termo. (PINASSI, 2014, p.28)

Nota-se aqui que as manifestações e movimentos políticos no Brasil não se guiam por uma pauta unitária de perspectiva econômica e por uma única plataforma política. O que se assistiu a partir das Jornadas de Junho foi uma manifestação pluralizada, que a posteriori torna-se polarizada, e dentro das forças juvenis o debate se deu sob a pauta do direito à cidade (Movimento Passe Livre) e as reivindicações por melhorias nos serviços básicos. As manifestações nos mostram que as demandas identitárias, como apontado pela literatura, emergem com força e ganham a dianteira

nos movimentos políticos do final do século para o início dele. Porém, as novas revoltas sociais que ocorrem no mundo se caracterizam por uma demanda ligada mais às pautas democráticas e à demanda por um *welfare state*, mostrando uma convergência de diversas pautas. (CASTELS, 2013; ZAIDAN FILHO, 2014; CASTRO ABROMAVAY, 2006; NANCY FRAZER, 2001)

2.2 AS OCUPAÇÕES EM SÃO PAULO (2015)

O processo de ocupação nas escolas de São Paulo e, na sequência, uma onda de ocupações por todo Brasil, teve motivações diferentes, porém dentro da estrutura política e da luta política tinham uma similitude que fazem delas fenômenos semelhantes. Para adentrar na questão das ocupações das escolas de São Paulo, deve-se notar que tais ocupações tiveram uma forte inspiração nas mobilizações que ocorrem mundo a fora, especialmente no processo de ocupação das escolas no Chile, movimentos que lhe é análogo. No Chile, seus protagonistas, produziram um manual de como efetuar a ocupação nas escolas, chamado O Mal Educado. Esse manual torna-se um manifesto de extrema importância para as mobilizações que vem a ser efetuadas no Brasil, e essa experiência torna-se replicada em cadeia nas diversas ocupações que se multiplicaram tanto em São Paulo quanto a posteriori em 2016 no Brasil. (GIROTTTO, 2016)

Uma vez decidida e votada a ocupação do colégio pela totalidade dos estudantes, é primordial e obrigatório que se discuta como se organizará todo o processo de ocupação, para garantir que todas as tarefas fossem cumpridas no prazo e da forma proposta, sempre respeitando a democracia direta (O MAL EDUCADO, 2015, p. 2).

Dentro do processo da ocupação há uma demonstração da territorialidade da escola, que não se encontra em desanexo com o espaço dos indivíduos que lá se relacionam, que transcende o aprendizado e torna-se também um espaço de construção identitária e de sociabilidade, onde os jovens aprendem para além das salas de aula no convívio diário entre os pares. (GIROTTTO, 2016)

O que chama a atenção nas ocupações, também presente nas manifestações que ocorreram na Islândia, é a organização política dos movimentos. Os movimentos de ocupação, tanto de São Paulo quanto as ocupações de 2016 no Brasil inteiro, articularam dois processos de organização: a neutralização da liderança, buscando

uma dissipação para todos os integrantes do protagonismo do movimento; e a autogestão, que é a organização do movimento por si mesmo, sem influências externas de outros grupos que vieram a apoiar essas ocupações.

A independência desses movimentos, ou seja, a soberania dos ocupantes quanto ao que seria feito com a ocupação promoveu um processo de diálogo intenso e uma experiência de democracia direta. (CASTELS, 2013; GIROTTTO, 2016)

No movimento, princípios como autogestão, ação direta, apoio mútuo e solidariedade foram afirmados, não como discursos, mas como ações cotidianas daqueles que, cansados de serem tratados como números, afirmaram-se como sujeitos do seu próprio processo formativo. Após um mês de ocupações, o governo estadual viu-se obrigado a recuar, decretando a suspensão do projeto e prometendo construir o diálogo com a sociedade civil. (GIROTTTO, 2016, p.1123)

É perceptível então no processo de ocupação a demonstração da territorialidade da escola, que se dá além de um espaço de aprendizado, mas também é um espaço de construção da identidade, feita através do convívio diário dos vários atores que fazem a escola. A luta dos estudantes na busca de resolução dos problemas estruturais da escola torna-se uma luta pelo espaço (GIROTTTO, 2016).

Tanto na proposta apresentada pelo governo quanto na reação organizada pelos estudantes secundaristas, emerge uma dimensão fundamental da escola pública: o seu enraizamento territorial. Ocultando essa dimensão a partir de uma série de dados e informações que buscavam apresentar as escolas e os seus sujeitos como abstratos, desconectados do seu entorno e da comunidade que lhe dá vida e sentido, o governo estadual apresentou a proposta que implicaria, se posta em prática, em uma profunda mudança na relação socioespacial dos alunos e alunas entre si e com as suas escolas. Como resposta, a luta dos estudantes secundaristas trouxe à tona a dimensão territorial das escolas públicas, reafirmando-as como espaços de construção de identidades, de diálogos e de conflitos. Propor a realocação (esse foi o termo utilizado pelo governo estadual) de mais de 700 mil alunos, como previsto no projeto de reorganização, é produzir outra ordem socioespacial da escola pública no estado de São Paulo, que atende a interesses muito além do discurso da busca por certa “qualidade educacional”, os quais, estrategicamente, foram ocultados. (GIROTTTO, 2016, p. 1123)

O debate acerca da participação política dos jovens na atualidade não tem como ignorar esses fenômenos elencados, e a pesquisa busca entender essa participação política, com ênfase nas ocupações das escolas. Entendemos que a partir das jornadas de junho, a temática da participação política é fincada nos debates,

tanto no âmbito das revistas e jornais quanto no meio acadêmico, tendo importância fundamental no debate dentro da área de sociologia

2.3 OCUPAÇÕES EM PERNAMBUCO (2016)

O processo de ocupações das escolas em Pernambuco se inicia em 07 de novembro de 2016 com a ocupação da escola Candido Duarte, no bairro de Apipucos. Essa ocupação já é reflexo do processo desencadeado em todo o Brasil, que naquele momento contava um total de 1197 escolas ocupadas, sendo em sua maioria Escolas do Paraná, que foi o centro do processo. O processo de ocupação em Pernambuco alcançou a marca de 21 escolas ocupadas, e Recife abarcou 14 dessas ocupações. Houve também ocupação de universidades públicas e de uma universidade particular. (CARVALHO, 2018)

As ocupações alcançaram ampla repercussão na mídia e dividiu opiniões dentro e fora das escolas. As ocupações foram visadas tanto pela secretaria de educação e diretorias das escolas, que combatiam os estudantes ocupantes, quanto por movimentos políticos e pessoas públicas que buscaram ajudar os ocupantes e em alguns momentos "colar" suas imagens ao movimento. Durante o período da ocupação os estudantes que ali estavam puderam vivenciar de forma intensa o que é a participação política.

As mobilizações se deram dentro de uma conjuntura de perdas de direitos e de cortes críticos em áreas sociais, através da PEC 241, e dentre essas áreas a educação foi uma das mais penalizadas. Ao mesmo tempo, estava em pauta também a Reforma do Ensino Médio, que não dialogou com o grupo que mais seria afetado pela reforma: os estudantes. Com a percepção desses ataques e suas consequências diretas na escola e na vida desses jovens houve um clima de indignação, e junto com as experiências anteriores bem sucedidas de ocupações em São Paulo em 2015 e no Chile, foi possível criar um clima de ocupação, que se inicia no Paraná e se espalha exponencialmente em todo o Brasil, em muitos sentidos de forma espontânea, porém engatilhada e conectada com o que estava ocorrendo nos outros lugares.

Em Pernambuco, através do documentário "Bora Ocupar!"³, coordenado pela Soraya De Carvalho, é possível visualizar os atores de 8 escolas falando a respeito

³ <https://www.youtube.com/watch?v=gDOMUQuGQdQ&t=22s> (Link do Documentário)

das experiências de ocupações e do que pensam a respeito do evento. É possível visualizar a particularidade de cada ocupação, que compartilhavam um lugar comum, a luta contra a PEC e a Reforma do Ensino Médio, porém os agentes envolvidos, a localização e história da escola e as relações fora dos muros da escola determinam bastante a forma de ocupar e tomar as decisões.

Como será possível mostrar mais à frente, a escola alvo do estudo, o Ginásio Pernambucano, tinha a particularidade de ser um patrimônio tombado, o que gerou mais alarde e pressão sobre os estudantes. Já o Nilo Pereira diferenciava-se por ser uma escola de nível fundamental, o que permitiu uma pressão forte do Conselho Tutelar contra os pais dos estudantes; e o Candido Duarte que teve a particularidade da presença dos professores dentro da ocupação, como uma forma de zelar pela segurança dos estudantes sem tirar deles o controle e o direito da ocupação.

Qualquer tentativa de definir as ocupações a partir de uma experiência seria arriscada. Cada ocupação tem suas particularidades e também suas reivindicações próprias. Além da demanda comum das escolas, existem demandas particulares que envolvem questões materiais e estruturais, que foram também pautadas. Porém existem também formas e instrumentos de organização da luta que foram utilizados para as tomadas de decisão e que estiveram presentes em grande parte das ocupações. As assembleias, por exemplo, eram o momento de deliberação e discussão do que fazer nas ocupações. Cada ocupação tinha a sua forma de fazer as assembleias, mas era convencionalizado que apenas os estudantes decidiriam por voto o que fariam. Algumas ocupações inclusive vetaram participação de pessoas externas à ocupação nas assembleias.

Outra questão importante nas ocupações foi a formação das comissões que visavam organizar os ocupantes em áreas de atuação. Cada comissão tinha uma responsabilidade que era dada de acordo com a vocação e a vontade dos integrantes de participar. As comissões assumem importância fundamental no processo de organização e cuidado da ocupação.

3. A EXPERIENCIA DA OCUPAÇÃO NO GINÁSIO PERNAMBUCO

Nesse último capítulo iremos abordar a ocupação do Ginásio Pernambucano em quatro etapas: Como era antes das ocupações até o momento em que os estudantes começam a mobilizar-se para ocupar; o processo de ocupação e como se estruturou a ocupação; a vivência política dos estudantes, a autogestão da escola e as questões levantadas na experiência da ocupação; a desocupação da escola e as consequências do processo de ocupação.

3.1 A OCUPAÇÃO DO GINÁSIO PERNAMBUCANO: A VIDA ANTES DA OCUPAÇÃO E OS PRIMEIROS MOVIMENTOS DOS ESTUDANTES.

Uma enorme edificação vermelha na rua da Aurora de frente ao rio Capibaribe, o Ginásio Pernambucano chama a atenção pela sua beleza antiga e, não atoa, é um patrimônio tombado que combina com a beleza da região do Recife Antigo. É uma das escolas consideradas de referência pelo governo do Estado, que dá a ela mais visibilidade, já estudaram nessa escola figuras de grande renome como Ariano Suassuna, Agamenon Magalhães, Assis Chateaubriand, Celso Furtado, Clarice Lispector, Claudionor Germano, José Lins do Rego, Valdemar de Oliveira, Fernando Santa Cruz e o Jonas José de Albuquerque Barros, os dois últimos militantes políticos assassinados pela ditadura militar de 1964. Decerto que aquela escola no coração da cidade do Recife era bastante visada seja por sua beleza, seja por ser uma das escolas mais tradicionais da cidade, mas no dia 16 de novembro de 2016 a escola se tornaria visada por outros motivos, junto com outras escolas que foram palco de um processo massivo de ocupação, acompanhadas em todo o Brasil.

A vida antes das ocupações de 2016 era a que muitos já conhecem: a escola era tida como obrigação, fardo, um lugar de “não pertencimento”. Os estudantes entrevistados enfatizaram de forma certa as suas frustrações com a vida escolar imposta pela escola tradicional. A passividade imposta aos estudantes e a concentração das decisões na mão dos professores e gestores causava incômodos: “Antes das ocupações a gente sempre aceitava as coisas como eram (...) a escola era como se fosse uma obrigação para muita gente” (Estudante 1)

O movimento estudantil, geralmente tão vivo e presente nas universidades, não fazia parte da realidade das escolas. Talvez desconhecêssem da existência de instituições que representam os estudantes secundaristas, e não eram culpados por isso. Existia uma amarra da estrutura escolar que anulava a presença política do movimento nas escolas. A realidade do modelo de educação se volta para o Enem e o ingresso nas universidades, ou visando um possível mercado de trabalho. As aulas expositivas sequenciais tomavam toda a atenção dos alunos. Também atrelado a isso tem a falta de interesse dos próprios movimentos de ingressarem na escola antes das ocupações, o que foi levantado por um dos entrevistados:

“Antes das ocupações não existia pra falar a verdade. Depois das ocupações passou a existir um certo interesse por parte dessas entidades. Por questões comuns, no sentido de pratica mesmo, destas entidades, por conta de o GP (Ginásio Pernambucano) ser uma vitrine, como eu disse antes, e de a ocupação acarretar um grande acontecimento histórico, aí durante a ocupação e no pós ocupação, passou a existir um interesse por parte dessas entidades. No caso um interesse político”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

“Antes das ocupações, acredito eu que uma boa parte dos estudantes não tinha nem noção do que era isso. Inclusive alguns após a ocupação começaram a conhecer e ter mais vivencias políticas, a se envolver mais na política, no processo de construção, posterior a ocupação. Mas antes é algo que não tocava a gente, não era da nossa realidade. Poucas pessoas faziam parte de organizações, pouquíssimas mesmo, algo ínfimo, desses movimentos como Levante, UJS, UJC, poucos faziam parte.” (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

A realidade escolar era a padrão, tirando os poucos momentos de ida aos laboratórios e alguns eventos. Embora incomodasse, essa padronização era reconhecida pelo entrevistado pela condição de escola “vitrine”. Se o GP era privilegiado em relação as demais escolas, isso não anulava problemas e questões estruturais que eram demandadas por alunos, como a ausência de ventiladores e ar condicionado, e que no caso específico do GP a condição de patrimônio tombado era um empecilho para essas demandas.

“Com esse sistema integral, que a proposta é ter aula de manhã e durante a tarde era inicialmente ter uma atividade mais lúdica, mas a gente tinha 9 a 10 aulas por dia, todo dia era aula. (...) poucas vezes na semana, em duas aulas na semana, a gente ia pro laboratório, nas aulas de Química, Matemática e Biologia. Às vezes tinha... acontecia alguns eventos, assim, mas nada que fugisse do padrão escolar, bem monótono.” (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“Assim, claramente cada professor vai ter sua diferenciação, na proposta pros alunos, mas era bem voltada assim pro Enem, passar e entrar na universidade, não era bem técnico, mas era um projeto bem reprodutor, assim, alguns professores conseguiam fugir do comum, professor de

português com projeto literário, o de geografia com projetos que ajudem o meio ambiente, por aí vai, mas não era algo unânime, um projeto da escola de buscar esse tipo de atividade” (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“A gente tinha uma série de problemas. Era cansativo por ser uma escola em tempo integral, mas no cotidiano escolar, do ponto de vista da gestão ocorria tudo perfeitamente até porque hoje o GP era uma escola vitrine das outras escolas, e tendo em vista a realidade de outras escolas posso dizer que não era tão ruim”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

“Há muito tempo existia uma reivindicação de colocar ar condicionado nas salas acho que era uma coisa que nunca aconteceu por conta de o prédio ser um patrimônio tombado pelo Iphan. E a falta que a gente tinha, sobretudo acho que a partir do segundo ano, que a gente começou a reivindicar era a criação de um grêmio estudantil, mas que também não chegou a acontecer”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

A partir do processo de ocupação da primeira escola de Pernambuco, a Candido Duarte, os ares do Ginásio Pernambucano foram afetados. A ideia de ocupar a escola começou a rondar as conversas dos estudantes. De início poucos estudantes entusiasmados estavam mobilizando dentro da escola, o que com o tempo foi aumentando em escala até chegar ao ponto de articularem o que fazer. Preocupações a respeito da legitimidade e do que poderia acontecer em retaliação fizeram parte das preocupações iniciais.

“A referência mesmo era o Candido, que já estava ocupado (...) a gente via muito as ocupações que estavam acontecendo no Brasil, e isso acabou sendo um impulso, que já tinha muita escola que já estava ocupada, mas aqui em Pernambuco com certeza foi o Candido”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Inicialmente a primeira escola a ser ocupada foi o Candido Duarte, e surgiu boatos, e a gente começou a conversar, algumas poucas pessoas, e dialogamos, e a ideia foi se espalhando aos poucos, por baixo dos panos, obviamente, pensando no que podíamos fazer. A ideia inicial foi saber o que estava acontecendo e o que estávamos reivindicando. Aí a gente começou a ler textos, procurar saber como legitimar uma ocupação, se era algo legítimo”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

Outros exemplos de ocupação também influenciaram os estudantes. As ocupações de São Paulo em 2015 e as ocupações do Chile já demonstraram as possibilidades de ocupar uma escola. A mobilização dos estudantes do Ginásio Pernambucano aconteceu às escondidas de início, evitando chamar a atenção dos gestores escolares, que dado o movimento nacional de ocupações poderiam agir e impedir a continuação do movimento, o que de fato veio a acontecer posteriormente. Porém, os estudantes já haviam criado um animo na comunidade escolar em favor de ocupar.

“Pra fazer a ocupação a gente foi de sala em sala falando com a galera informalmente. [o] professor saía da sala a gente entrava, passava o recado e saía, e a gente se reuniu na sala no intervalo, o que facilitou, todo mundo estava livre. A ocupação eu não me recordo de fato se ocorreu nesse mesmo dia ou se a gente se articulou melhor. Eu sei que a gente ocupou numa sexta feita, a gente esperou uma sexta feira pra poder fazer a ocupação”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“A ideia surgiu de uma onda de ocupações que já existia e existiu em 2015 em São Paulo e em 2016 estava tendo essa onda de ocupações por aqui por parte das universidades e algumas escolas já estavam ocupadas. E através de uma cartilhazinha do Mal Educado intitulada "Como ocupar a escola foi uma fâsca para que se acendesse essa chama. E aí a gente começou a articular certas reuniões escondidas. E quando a gestão começou a ter ciência do que poderia acontecer começaram a boicotar nossas reuniões, largando a gente mais cedo, sem motivo”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

A gestão ao perceber as articulações dos estudantes para a ocupação começou a dispensar mais cedo os estudantes, para assim evitar mobilização dos mesmos, e professores começaram a reprimir os estudantes com comentários e provocações.

“A coordenação, eu lembro que quando a gente foi lá na sala da coordenação estender a faixa de ocupado, na verdade eles já sabiam, um dia antes eles tinham cancelado as aulas mais cedo, a gente estava na escola e de repente a gente largou, aí eles boicotaram a primeira votação, tentativa de votação. Aí no outro dia a gente votou, aí eles não sabiam se a gente ia ocupar, a gente foi e ocupou, por que se não eles poderiam largar mais cedo novamente, e isso ia causar uma dispersão do pessoal. Quando a gente chegou na sala da coordenação eles ficaram debochando, professores dizendo que na segunda feira tem prova, que a gente tinha que estudar, que isso era uma palhaçada, foi todo aquele rebuliço, até a gente conseguir, depois de muita discussão, muito debate, realmente ocupar, a polícia chegar”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

Mesmo sabendo com antecedência do planejamento dos estudantes a gestão não soube lidar com os ânimos ou desmobilizar os estudantes, que estavam cada vez mais entusiasmados e o ideário de ocupar tornou-se concreto, e nessa conjuntura já estava dada a ocupação, era algo inevitável. Os estudantes marcharam da sala onde tiveram a reunião que decidiu a ocupação, desceram as escadas e hastearam uma bandeira decretando a escola como ocupada, iniciando simbolicamente a ocupação da escola.

Nesse processo inicial de deflagração e efetuação da ocupação percebemos a combatividade dos jovens que se demonstra, como nos mostrou Bourdieu, no confronto com os grupos mais velhos, como exemplificado nessas situações ou na forma como o governo estava agindo contra eles e também na figura dos gestores

escolares e de alguns professores, que esses adultos subestimam a capacidade dos estudantes de terem uma visão crítica da escola.

3.2 A OCUPAÇÃO DA ESCOLA GINÁSIO PERNAMBUCANO: A DISPUTA PELA CHAVE E COMO SE FAZ UMA OCUPAÇÃO

Uma vez dada a vontade da maioria de ocupar a escola, decidida em uma reunião na maior sala disponível, e efetuado o ato simbólico de levantar a bandeira da ocupação, resta uma questão: como ocupar? Uma coisa em comum em toda a ocupação é a necessidade de dominação do território, e para isso é necessário um instrumento simples: as chaves.

Toda a ocupação demanda o controle das salas e dos espaços de vivência da escola. Afinal uma vez ocupado será preciso ter um banheiro, salas para alojar, cozinha para fazer a alimentação, e tudo isso leva inevitavelmente às chaves da escola para ter acesso a esses espaços, quando menos também para bloquear o acesso de pessoas estranhas ao movimento ou dos gestores.

Em algumas ocupações as chaves são tomadas pelos alunos num deslize do zelador ou da direção, em outras coloca-se o cadeado e uma corrente na entrada da escola e está resolvido o impasse. A depender do ambiente escolar, as chaves para acesso aos lugares não são tão necessárias, servindo mais ao propósito de bloquear o lugar.

No Ginásio Pernambucano não foi diferente. Por não ser a primeira escola a ser ocupada, já se tinha uma expectativa por parte da direção do que poderia acontecer, o que a levou a agir no sentido de tentar dispersar a mobilização. Os estudantes já haviam estendido as faixas de ocupação, mas ainda não obtiveram as chaves. Com a ausência das chaves da escola foi necessário colocar correntes e cadeados, ou melhor, foi necessário criar uma chave.

Mesmo dominada e ocupada a escola e colocada uma chave temporária para segurar a ocupação, obter a chave da escola continua sendo fundamental, pois certos espaços de vivência do Ginásio Pernambucano só poderiam ser acessados com a chave. Dois dias depois os estudantes teriam a oportunidade da conquista dessa chave, quando foi arquitetada por uma ex-diretora uma manobra de desocupação através dos pais. Os estudantes conseguiram contra-atacar e sair com apoio de

alguns pais e com as chaves da escola, que permitiu o domínio territorial dos estudantes sobre a escola.

“Eu acho que a gente passou uns dois dias, salve engano, sem chave, e aí eu acho que a ex-diretora, que ainda tem muita influência até hoje no GP, ela foi lá, teve uma reunião dos pais, na verdade eles estavam ligando para os pais dizendo que teria uma reunião, sendo que a gente que estava tipo, ligando para informar que estava tudo certo, para explicar o que era uma ocupação, aí ela marcou essa reunião escondido da gente, e aí os pais chegaram lá e não sabiam e ela chegou de surpresa com a diretora e a galera da direção para colocar os pais contra a gente. Acredito que nesse dia, tiveram uns pais que ficaram do lado da gente e tal, e a gente acabou conseguindo a chave da escola. Eu acredito que foi um símbolo de poder, por que assim, pelo menos no GP, não dava para fazer as coisas sem a chave da escola, por mais que tivesse corrente, o momento foi o ápice, conseguimos ocupar, a gente já estava ocupando, mas a chave realmente foi um símbolo importante”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“A gente pegou as chaves, mas acredito que chegaram alguns advogados lá, as notícias corriam muito rápidas, mas eu não lembro bem como a gente pegou as chaves, por que durante o processo de anunciar a ocupação, eu fiquei muito mais na questão do diálogo com a coordenação, então não dava pra tentar fazer uma outra coisa ou me articular de alguma outra forma, porque de certa forma eu estava distraíndo-os, tentando fazer esse diálogo de legitimação da ocupação”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

Uma vez dominada a escola e efetivada a ocupação, vem a segunda questão necessária, como organizar uma ocupação? Desde o momento da decisão por ocupar e durante todo o percurso da ocupação, as assembleias são de extrema importância para compreensão do processo de ocupação. O movimento tem como pilar a horizontalidade e a participação direta dos estudantes nas decisões, por isso é comum nas ocupações as assembleias, que se trata de um espaço de decisão coletiva, onde são debatidas temáticas ligadas as reivindicações do movimento e a maneira que iriam agir politicamente, as atividades que seriam feitas nessas ocupações (Oficinas, aulas, palestras) e as questões dos afazeres diários para manutenção da ocupação. A decisão era coletiva feita por debate, uma vez não sendo unanime a questão era feita uma votação para decidir.

“Inicialmente as assembleias eram um tanto quanto perdidas, mas então a gente começou a entender como funcionava, por exemplo, a gente decidia atividades que poderiam acontecer, mas era algo supérfluo, não era assim tão importante, por que existiam muitas atividades, muita gente se propondo pra movimentar a ocupação, mas o que fazer é algo, de certa forma irrelevante para o valor da assembleia, que a gente decidia se poderia desocupar ou não, o que fazer pra alcançar a nossa meta, quais pautas específicas estabelecer, o que a gente queria pra escola como melhoria, nas assembleias se decidia se essa galera que tentou manipular ia ficar, fazia um balanço geral de como foi e como estava sendo, questões que aconteciam

dentro da ocupação, alguns atritos como rolou com as meninas que os meninos muitas vezes não limpavam, não cozinhavam, e rolou esse processo de desconstrução, que as meninas chegaram e falaram “você vão limpar, você vão cozinhar” e isso ia pra dentro da assembleia também”. (Entrevistado 1) (AUTOR, 2021)

“As assembleias na maioria das vezes a gente só faziam a noite, na madrugada, que era o único momento que a gente conseguia parar pra poder se reunir porquê durante o dia a gente estava fazendo muitas coisas da ocupação, logo no começo a gente passava horas na assembleia, era bem cansativo e ao mesmo tempo bem instigante”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Ao decidir pela ocupação, outra pratica comum a maioria das ocupações é a definição de comissões para a divisão das atividades a serem executadas, atividades que são organizadas e debatidas nas assembleias. As comissões são de fundamental importância para compreender o funcionamento e a estrutura das ocupações, pois percebe-se nelas que a proposta da ocupação vai para além da reivindicação pura e simples, existe uma discussão e uma proposta política e pedagógica para a escola, e além disso percebe-se através delas debates que vão permear a vivencia desses estudantes.

As comissões presentes na ocupação do ginásio era a de segurança, uma vez que a ocupação era visada pelo poder público e a ameaça de desocupação era constante, os integrantes dessa comissão tinham como função observar o movimento e fazer a checagem de entrada e saída de pessoas para evitar qualquer imprevisto.

As demais comissões eram a de cozinha, que cuidava da alimentação das pessoas que ficavam na ocupação, a de limpeza, que cuidava da zeladoria da escola, a de comunicação, que tinha como objetivo o diálogo com outras ocupações, com a imprensa e com o poder público, e a de organização, que cuidava da agenda de atividades a ser executada e das redes sociais. Como vai ser demonstrado mais a frente, a divisão das comissões teve uma forte discussão de gênero, devido ao machismo presente na resistência à presença feminina nas comissões de segurança, e a resistência dos homens em irem para comissão de limpeza e cozinha.

3.3 A OCUPAÇÃO DO GINÁSIO PERNAMBUCANO: ENTRE A AUTONOMIA E A CRIAÇÃO DE REDES DE SOLIDARIEDADE

A ocupação ganha bastante visibilidade, e dadas à centralidade e a importância do Ginásio Pernambucano muitos políticos e movimentos sociais foram em busca de diálogo com a ocupação. A ocupação do Ginásio Pernambucano tinha como

particularidade a desconfiança, e em certos momentos até uma resistência, à participação de pessoas externas ao colégio, por medo de manipulação ou de servir como massa de manobra. Os estudantes manifestaram que havia uma preocupação com a autonomia da ocupação.

Dentre uma das particularidades da ocupação estava o acordo coletivo de não utilização de símbolos de movimentos políticos. A ocupação buscava assim ter uma identidade própria e não se colocar em um determinado viés político, o que não tornava o movimento apolítico ou averso à política. Compreende-se que o movimento de ocupação se dá numa relação de crítica a uma lógica de educação capitalista e em combate a uma política neoliberal de ataque aos direitos e garantias sociais. Dado a pluralidade no campo do movimento estudantil e dos ideários dos ocupantes, a decisão de pauta busca a superação de visões particulares de mundo e uma concentração numa luta conjunta. É notada a presença forte de um ideário anarquista⁴ na ocupação, influenciado pelas relações estabelecidas com a ocupação da UNICAP e com grupos que ocuparam o Ocupe Estelita, porém respeitado a regra geral da ocupação.

“Nenhuma organização até então tinha contato com a gente. Aí quando rolou a ocupação apareceu gente de todo canto - fotografo, deputado, vereador -, tudo que tinha direito apareceu. Algumas organizações conseguiram, por ter pouquíssimas pessoas lá dentro, conseguiram entrar e conversar com a gente. Nós também conhecemos dois amigos anarquistas, que também influenciaram. Foi importante essa influência (dos anarquistas) porque inicialmente essas organizações, esses movimentos começaram a querer fazer a mente da gente, participavam de assembleias, essas pessoas, no caso não eram muitas pessoas, duas ou três pessoas que já estudaram lá e estavam na universidade e quiseram chegar. E meio que quiseram manipular a gente, fazer a ocupação do jeito que queriam, pela influência universitária. Mas os anarquistas nos ajudaram a abolir isso. Ninguém entrava com camisa de movimentos, nem com camisa anarquista, ninguém de fora participava das assembleias, que inicialmente, durante 3 dias, participavam. Ex-estudantes participavam também, mas aí só os estudantes passaram a participar das assembleias. A decisão foi totalmente nossa. Mas o diálogo continuou aberto pra quem quisesse dialogar de forma franca e com respeito a nossa autonomia”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“Sim, a deliberação passou a ser só dos estudantes, por que a gente começou a perceber que essa galera estava querendo mexer o pauzinho pela gente, fazer as coisas da forma deles. Mas aí de certa forma a gente começou a aprender, porque quando essa galera começou a dar um direcionamento a gente viu um possível caminho, possíveis atividades, uma possível

⁴ O movimento Anarquista, que tem como principais teóricos o Bakunin e Proudhon, tem como principal foco a ideia de supressão do Estado e a derrocada do sistema capitalista, focado principalmente na ideia de autogestão democrática e de não existir lideranças que centralizem o poder, para maior entendimento ler “O Socialismo Libertário” de Bakunin.

organização. A galera anarquista mostrou também uma outra possível organização, outro possível caminho. Foi assim que a gente conheceu a assembleia, a gente conheceu a forma horizontal de se organizar, a organização em comissões, comissão de limpeza, comissão da comida, comissão de relação exterior, de certa forma, comissão de política, comissão de comunicação, comissão de segurança”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“Esse processo de ter aversão à galera de fora era porquê logo no momento que ocupou teve um apoio importante de um movimento político, e a gente ficava com receio, da galera acabar querendo colocar a ocupação como uma ocupação do movimento, e a gente falava da importância do protagonismo dos estudantes do Ginásio Pernambucano não como estudantes de um movimento, porquê tinha uma célula do movimento no Ginásio Pernambucano e tinha muitos estudantes do movimento que estudavam. Depois chegaram outras pessoas de fora, aí a gente decidiu que poderiam ficar na assembleia, mas não poderiam ficar falando, não que fosse proibido que se manifestassem, só não poderiam votar, na hora da decisão a gente só considerava as pessoas da ocupação” (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Eu acho que rolou uma tentativa de aparelhagem sim, por parte de uma galera do movimento, e por isso também o receio. Rolou umas situações com o pessoal, por tudo isso existe esse receio de pessoas de fora e uma possível aparelhagem por algum grupo” (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

Um dos participantes entrevistados foi do Ocupe Estelita⁵, um jovem ativo politicamente, externo à ocupação, que buscou mobilizar e apoiar as ocupações das escolas. Na época ele fazia parte da ocupação do Cine Olinda⁶. Ao tentar se comunicar com a ocupação percebeu a resistência que eles tinham com pessoas de fora, mas relata ter sido bem recebido na ocupação e que houve uma simpatia com ele devido ao reconhecimento dos alunos da sua trajetória enquanto agente político.

“A recordação que eu tenho é que o pessoal do Ginásio Pernambucano tinha uma certa desconfiança com alguns apoiadores, e a gente foi recebido até de uma forma mais positiva. A gente chegou lá de noite, que não era um horário comum pra receber visita. Eles estavam participando de uma assembleia quando a gente chegou, e a gente foi permitido participar como ouvinte, e foi isso. Depois disso ainda fui no Ginásio Pernambucano algumas vezes, acho que umas quatro vezes. Alguns dias fui pra participar de eventos, outros dias para conversar e sabe como as coisas estavam, porquê o Cine Olinda, além do Ginásio Pernambucano, a gente também frequentou outras ocupações escolares, a gente levava o Cine Olinda para essas escolas, projetor, equipamentos, caixa de som, para exibir documentários nas escolas ocupadas” (Entrevistado 3) (AUTOR, 2021)

⁵ O Ocupe Estelita foi um movimento de contestação do projeto “Novo Recife”, que em 2012 junto ao Governo do Estado de Pernambuco acertaram a demolição e construção de prédios em uma área situada às margens do Capibaribe perto do Centro Histórico do Recife. Para mais informações na página do Facebook do movimento. (<https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita>)

⁶ A ocupação do Cine Olinda aconteceu anteriormente às ocupações escolares, para mais informações dessa ocupação ver a reportagem no link a seguir. (<https://www.brasildefato.com.br/2016/12/16/movimento-ocupe-cine-olinda-reivindica-cinema-de-rua-com-participacao-popular>)

“Um dos ocupantes do Ginásio Pernambucano reconheceu eu e um dos meus companheiros de um movimento que fizemos no início de 2016 contra o aumento da passagem. A gente fez uma campanha chamada contra tarifa, pelo passe livre. Esse ocupante, ainda na época secundarista, participou dos protestos com a gente. Eu acho que isso ajudou a quebrar o gelo” (Entrevistado 3) (AUTOR, 2021)

Foi relatado a ida de algumas figuras políticas de esquerda conhecidas da cidade para a ocupação, alguns levaram mantimentos e, uma vez notada a resistência da ocupação em dar espaço para pessoas de fora adentrarem a ocupação, não voltaram a tentar. Também foi relatado alguns momentos conflituosos no que tange a possíveis tentativas de cooptação de movimentos políticos juvenis. Dentre esses conflitos, um que ficou marcado foi durante as oficinas, onde um grupo adentrou a ocupação para a realização de uma oficina de capoeira. Uma vez dentro da ocupação trocaram as roupas e vestiram-se com o uniforme do movimento. Após conflito e resistência da ocupação foi cedido a eles em razão de ameaça de cancelamento da oficina. Não foi relatado nenhum outro momento em que isso voltou a ocorrer.

Além de determinados conflitos existentes entre a ocupação e alguns movimentos políticos, também houve sinergia e participação da ocupação com movimentos de forma harmônica, uma vez compreendido pela ocupação a possibilidade de união de forças sem perda de sua autonomia. Essas relações entre a ocupação e outros grupos foram também relações de aprendizado. Entre esses movimentos que se tornaram aliados da ocupação está o MTST, e as ocupações escolares das proximidades, dentre elas a ocupação do Barbosa Lima e a ocupação da UNICAP.

“Muitas Pessoas que passaram na frente se solidarizavam, falavam que queriam ajudar, queriam dar uma palestra, fazer uma comida, que tinham colchão, e de fato a ocupação da gente foi privilegiada, por ser um prédio tombado, a escola historicamente importante, não teve essa represália que outras escolas tiveram, como por exemplo a Nilo Pereira. A gente teve essa vantagem, o pessoal ao redor ajudou, o pessoal da católica a gente conheceu, eles colavam na época com o MTST, portanto a gente teve o MTST, uma galera anarquista, e de um movimento juvenil. Foram essas 3 forças que chegaram lá pra dá a cara pelo menos. Outras forças chegaram lá, mas não conseguiram, o movimento juvenil que chegou tinha gente que estudou lá e tinha diálogo com os estudantes, então conseguiu inicialmente tentar um diálogo com a gente, que foi cortado. O pessoal da católica, por ter uma construção horizontal e não tentou manipular a gente, a gente não viu essa tentativa, só chegou pra somar, por que o que rolou com o levante foi isso, e a galera anarquista também, então a católica foi uma ocupação que nos ajudou bastante, eles ocuparam o bloco C lá, apesar de ser uma faculdade particular, você vê como eles foram de fato contra o sistema, e eles foram que ajudaram muito a gente, tanto no processo de construção, quanto

no processo de luta ativa. Assim mesmo, a gente pegava muita ideia com eles, com tudo que a gente estava vivendo, a gente ia em outras ocupações secundaristas, aparecia gente da universidade também lá, ou seja, chegava muita informação pra gente, era bem difícil inclusive organizar as informações pra gente poder separar o que era importante. A gente também teve ajuda da rede de advogados populares, ou os juristas pela democracia, que são advogados populares que chegaram lá pra se solidarizar, deixaram número, conversaram, falaram o que a gente precisava fazer inicialmente, deram toda orientação jurídica que a gente precisou, tudo que precisasse era só ligar”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“O apoio da católica foi em questão de mantimentos e em questão de articulações políticas, de atos que a gente realizou e pensou coletivamente, como era próximo. Outras escolas também como Porto Digital, Martins Junior, ali pela Caxangá. Agora a Universidade Católica teve uma grande participação efetiva, porque companheiros e companheiras estavam sempre lá, não só nas articulações, mas nas tarefas diárias também, e outros companheiros anarquistas independentes que estavam sempre lá”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

“Foram duas ocupações (universitárias) que tiveram mais contato com o Ginásio Pernambucano: uma foi a da Faculdade de Direito, que ocuparam por uma semana, e eu acho que quando a Faculdade de Direito desocupou eles deram tudo que eles tinham para ocupação do Ginásio Pernambucano, pela proximidade eu acredito; e tinha o pessoal que estava ocupando a reitoria da Católica, que era um pessoal que tinha participado do Estelita, não todo mundo, mas algumas pessoas que estavam, assim, mais a frente, da ocupação da reitoria da católica, tinham tido essa história com a gente no Estelita, eles tiveram reuniões que os meninos e meninas do Ginásio Pernambucano iam pra católica, participar, planejar ação. Inclusive teve ações muito importantes que fizemos, e isso foi junto com a colaboração da UNICAP com os meninos do Ginásio Pernambucano”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Da relação entre a ocupação do Ginásio e a ocupação da UNICAP foram realizados diversos atos e manifestações de rua, com fechamento de algumas ruas e protestos conjuntos para demonstrar força para além do espaço ocupado. Essas manifestações de rua eram a materialização da demanda e da discussão da ocupação nos espaços públicos, a partir da criação de uma rede de troca de informações e de demandas, rede que será demonstrada mais tarde que criou frutos no pós-ocupação com a maturação e reflexão a respeito das ocupações feita por participantes.

“Eu acho que a UNICAP foi muito importante. Não foi logo de início, a gente começou a ter um vínculo maior com o pessoal da Católica ao longo da ocupação. A manifestação que fizemos na Cabugá a gente fez junto com os ocupantes da UNICAP e da Barbosa Lima. Eu acho que foi muito importante porquê a gente teve mais apoio e começou a pensar nas estratégias praticas da ocupação em si e dos protestos de rua, a gente fez um ato na conde da boa vista, foi o maior que teve, e a gente teve muito conhecimento de como entrar num ato, e sair do ato, todo esse processo de atividade pratica foi a galera da UNICAP que passou pra gente, principalmente na manifestação que a gente fez na Cabugá, experiencia que a gente não tinha” (Estudante 4)

“As ações efetivas tiveram muito apoio da UNICAP. E sobre o viés anarquista acho que muita gente antes mesmo da ocupação já tinha essa influência, e a galera da UNICAP foi só aquela influencia a mais” (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

“Eu lembro de duas ações que tiveram participação dos secundaristas com a UNICAP. Uma foi na Agamenon Magalhães, concentração no Barbosa Lima, passamos a noite lá e de manhãzinha a gente interrompeu o fluxo ali na restauração. Ficamos quase 1 hora, e teve essa ação que foi no dia da aprovação da PEC que foi dia 13 ou 18, não lembro a data exata, foi na Cruz Cabugá. Eu acho que foi bem significativo, naquela época a gente estava chamando atenção para questão da PEC, principalmente. O Fora Temer também foi algo presente nas manifestações, porquê estávamos diante de um golpe jurídico parlamentar que ocorreu. Então eu acho que foi importante para tentar dialogar com a sociedade” (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Compreendendo a ocupação além do seu lado político, existe uma questão pedagógica presente na vivência dos estudantes na ocupação. As oficinas e atividades presentes na ocupação trouxeram uma formação diferente dos estudantes, que superam a perspectiva de educação padronizada pelo capital, da formação técnica despolitizada. Durante as ocupações foram ministradas aulas, palestras, oficinas, organizadas pelos próprios estudantes, que se tornaram gestores da escola por um pouco mais de um mês, pauta constantemente demandada pelos estudantes e a possibilidade de participação efetiva da gestão escolar.

“No ginásio pernambucano a gente tinha um processo de ensino vertical, e essa é a principal crítica que eu tenho, porquê esse processo ainda existe, do aluno ele tá sempre absorvendo as coisas, como se ele não tivesse nenhuma opinião, nenhuma vivência importante com algo, ou com o processo de ensino em si, e aí esse processo de ensino vertical acaba minimizando essa autonomia que a gente teve na ocupação, que a gente deveria ter enquanto aluno, a discussão de ensino. Eu acho que essa é a minha principal crítica”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Eu acho que é necessária a democratização do ensinar e do aprender e todos os processos que vão além do sentar numa cadeira e ouvir o professor falar e escrever no quadro, que era muito que acontecia e acontece ainda hoje. Mas o Ginásio Pernambucano sempre foi uma problemática muito grande pra quem estava lá. Como a gente estudava de manhã até o final da tarde era extremamente cansativo, e cada um passando pelo seu processo dentro de casa. Eu acho que é preciso entender um pouco do estudante, as questões das demandas para além da sala de aula”. (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

“A gente tentava ver com outras escolas que estavam ocupadas, para ver se tinha alguém disponível para um debate legal. Rolava uma comunicação muito grande com o pessoal do Porto Digital, aí a gente sabia mais ou menos o que estava rolando lá, para a gente fazer no Ginásio Pernambucano também. A gente ficava trocando muitas ideias, as vezes alguém que fez debate no porto digital a gente convidava para lá também, e aí a gente tinha uma comunicação muito grande”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Geralmente as atividades eram rodas de conversa, mais expositivas, nada dentro de sala de aula, normalmente era no roldão, espaços que a gente tinha mais ao ar livre. Eu lembro uma roda de conversa que me marcou muito, que foi sobre saúde da mulher”. (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

“Eu lembro de algumas aulas que a gente teve, a gente conseguiu os contatos dos “caras de pau do vestibular” na época, e aí eles foram lá dar aulas de história, geografia, várias matérias assim. A gente também teve uma roda de grafite, aula de yoga, a gente fez no espaço do roldão, e várias pessoas fizeram yoga, a gente tinha uma parte da oficina, que a gente criava cartazes, uma coisa mais artística, e a gente criava cartazes para colocar na frente do Ginásio, levava para os atos”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Questões que ocorreram durante a ocupação também foram alvo de debates e discussões. Uma questão fortemente presente na ocupação foi o debate a respeito do machismo, que durante a ocupação apareceu durante o processo de designação das comissões. As mulheres relatam que existiu muita resistência dos homens a deixarem que elas participassem da comissão de segurança, comissão que foi demandada em massa pelos homens por estar relacionada à vigília da ocupação e evitar invasões ou qualquer tipo de ataque. Tal resistência se deu principalmente pela falsa ideia de que os homens estariam mais aptos a esse tipo de atividade. Outra resistência foi a dos homens de participarem da comissão de alimentação e de zeladoria, quando os jovens relataram que não tinham aptidão para tais atividades, questão que foi fortemente combatida e questionada pelas mulheres na ocupação, que relataram a falsa premissa na qual as mulheres seriam naturalmente aptas a essa atividade. Esse conflito foi alvo de debates, demandados pelas mulheres, que muitas vezes tiveram que ser incisivas para que os homens realizassem atividades relacionadas a zeladoria e cozinha.

“Eu perguntei a um colega por que ele não ia para comissão de alimentação? Aí ele falou que não sabia cozinhar, e isso me deixou indignada. A gente foi posta como se a gente nascesse sabendo, como que se a gente tivesse que estar nessa comissão ou na comissão de limpeza porquê a gente nasceu sabendo fazer isso. Aí começamos a questionar: “por quê vocês não aprendem?” E aí a maior questão foi a comissão de segurança, porquê teoricamente as pessoas que ficavam na comissão de segurança ficavam até mais tarde, a gente estipulou um horário, até tal horário fica de boa na escola e tal horário a gente vai descansar e quem fica rondando a escola é a comissão de segurança. Aí tinha gente que queria ficar até mais tarde, que queria ficar rondando a escola, e a gente percebeu que era quase todos meninos que faziam isso, e eles não queriam de forma alguma trocar, porquê se rolasse alguma coisa a gente não ia poder fazer nada porquê a gente é mulher, rolou um machismo bem escancarado, e toda vez que tinha assembleia a gente discutia esse assunto, e lembro que era uma coisa bem repetitiva”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Eu fiquei na comissão da cozinha, e quando começou a rolar a saída das pessoas ia ficando menos gente e eu tive que ficar nas duas comissões, da limpeza e da cozinha, e quanto mais necessitava de gente era mais escancarado, tinha dias que se pessoas específicas, mulheres, não fizessem a comida ou limpassem alguma coisa específica, ninguém fazia. Aí eu falei: "como é que iriam comer?" Mas ninguém fazia. No final de tudo não existiu essa rotatividade. No final a gente meio que ia atrás pra ter um menino na cozinha, fazendo uma comida. Eu lembro de momentos em que eu e outra pessoas tinham que chamar: “então pessoal, a gente está sobrecarregado ali fazendo a comida, a gente também tá cansado e precisa que alguém ajude pelo menos lavando um prato”. E eu lembro de momento de chegar pra eles e falar: “ei, vem aqui lavar um prato, coisa e tal”. (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

Outra questão foi relacionada ao protagonismo nas reuniões entre as ocupações, onde os homens predominavam nas relações e nos encontros com outros grupos. Foi relatado um momento em que as mulheres foram informadas de uma reunião entre a ocupação do Ginásio e a ocupação da UNICAP, a qual elas não tinham conhecimento. Ao saberem se dirigiram à reunião antes dos meninos e fizeram essa reunião relatando essa questão, e quando os meninos chegaram já estava feita a reunião.

“Os meninos foram para UNICAP eles tinham esse contato com o pessoal de lá, e eles não estavam passando para gente, para as meninas. Aí a gente ficou sabendo que teria uma reunião na UNICAP, e a gente chegou antes deles, e a gente começou a falar e tal, que eles não tinham avisados, que eles estavam ficando só entre si, e quando eles chegaram para reunião estava todo mundo sabendo e aí ficou aquele clima, já tinham feito a reunião com a gente. Foi um processo muito grande pra gente conseguir esse espaço, e aí eu acho que a gente não chegou a conseguir de fato essa representatividade. Acho que no final da ocupação acabou que todo mundo ficou fazendo tudo, mas de ter uma rotatividade grande realmente não aconteceu” (Estudante 5) (AUTOR, 2021)

A partir dessa vivência foi demonstrada a existência de um machismo estrutural, que por mais que os estudantes estivessem a par e demonstrassem bom recebimento a esse debate, reproduziam as relações machistas no seu dia-dia, o que foi levantado e serviu para pensar concretamente as relações dentro da ocupação e perceber como essa estrutura se enraíza na sociedade e se reflete diretamente nas atitudes dos estudantes, por muitas vezes sem que os mesmos notem essa reprodução.

A partir da vivência da ocupação do Ginásio Pernambucano percebe-se muitas das questões levantadas na parte teórica do trabalho no entendimento a respeito da ideia de juventude. Como levantado no trabalho de Mary Castro e Miriam Abramovay, a juventude emerge na sociedade enquanto grupo social combativo e de forte

contestação da ordem social, podendo ser visualizado em suas mais diversas manifestações. Na ocupação não foi diferente, uma vez que ergueu-se enquanto voz dissidente do que estava se pondo na política. Os estudantes mobilizaram-se no intuito de contestar as políticas de austeridade que atacavam diretamente os seus direitos enquanto estudantes, demonstrando também como foi levantado pelas autoras, uma forte politização, ao contrário do que se entendia por certos grupos, que visualizavam os jovens como alienados e sem consciência social. A compreensão que a ocupação nos traz é que uma vez que o jovem tem consciência de sua posição na sociedade e anseiam por uma participação ativa enquanto atores, e pelos debates e pela forma como agem politicamente, eles unem a luta identitária com a luta classista, se vendo enquanto atores sociais vítimas de um sistema que lhes tolhem direitos.

3.4 O PROCESSO DE DESOCUPAÇÃO E A PÓS OCUPAÇÃO DO GINÁSIO PERNAMBUCANO: CONQUISTAS, APRENDIZADOS E MEMÓRIA.

Após um mês e três dias de ocupação, a desocupação ocorreu no dia 19 de dezembro de 2016. O processo de desocupação começa a partir do momento em que é aprovada a PEC 241, apelidada de PEC do fim do mundo, promulgada a 15 de dezembro. Dada a perda da principal demanda dos ocupantes, a luta acaba sendo centrada nas demandas dos estudantes a respeito da escola. Assim, ocorrem diversas reuniões com a direção e a Secretaria de Educação, onde os estudantes buscaram negociar melhorias e reformas para poderem desocupar.

“A gente tinha ido para algumas reuniões com a Secretaria de Educação, e esse processo de desocupação não foi só do Ginásio, foi de outras escolas também, que foram reuniões com várias outras pessoas de outras ocupações. E aí a gente fez uma lista de exigências para poder desocupar, que muitas delas não foram cumpridas, e nem tenho esperanças de que um dia serão. Foi um momento polemico, não foi uma decisão unanime, mas foi melhor na minha visão particular. A gente também tentou criar um grêmio, coisa que também não foi cumprida” (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Dentre essas demandas estavam como ações prioritárias: troca de bebedouro, fornecimento de dez extintores de incêndio, substituição dos vidros danificados das janelas, entrega e instalação de 15 ventiladores, serviço de desratização, pintura do portão de entrada da escola, criar comissão de monitoramento e controle de qualidade da merenda. Entre as ações de médio prazo estavam: troca do portão, troca ou

conserto do ar-condicionado da biblioteca, substituição das telhas danificadas, e conserto dos forros, pintura interna da escola, conserto das cadeiras do auditório, escadas e corrimão da escola. E também foi acordado a implantação e monitoramento dos conselhos escolares. Dessas demandas acordadas apenas a troca do bebedouro, a substituição dos vidros e a entrega dos ventiladores foram efetivamente cumpridas no pós-ocupação (anexo documento).

O processo de desocupação foi um tema debatido pelos estudantes. Alguns grupos queriam continuar a ocupar, enquanto outros sinalizaram a impossibilidade de manter ocupando, e argumentaram a necessidade de busca de termos melhores com a secretaria. Mas existia um sentimento de que a ocupação estava chegando ao seu fim. Foi relatado que o único problema relacionado ao trâmite da desocupação foi a forma como ocorreu: acabou se dando por decisão não tomada pela assembleia. Num momento de pressão, por desleixo uma colega, acabou assinando o documento de desocupação sem passar pelo crivo da assembleia. Mas dadas todas as circunstâncias, foi algo aceito pelo grupo.

Foi marcado dia 18 de dezembro de 2016 a faxina e a organização da escola para entrega, dada acordada pelos estudantes com o a Secretaria. Uma vez entregue a escola acontece o momento de pós ocupação. Muitos estudantes trazem à tona seus problemas para se readaptarem à realidade pós-ocupação. A experiência da ocupação modificou totalmente a visão de escola de grande parte dos estudantes que participaram ativamente do processo de ocupação.

O pós-ocupação foi marcado principalmente pelo ataque às principais figuras da ocupação, que sofreram perseguição de alguns professores e principalmente dos gestores, com o controle e resistência à ida desses alunos às dependências da escola. Outro ponto colocado foi o apagamento da memória da ocupação: os professores cortaram qualquer possibilidade de citar ou de comentar a respeito em sala. Um mural feito pelos estudantes foi apagado. Esse ponto foi tocado pelos estudantes como tentativa de criar um esquecimento do que foi vivido naqueles um mês e três dias ocupados.

“Tinha uns armários que eram totalmente cinzas, aí a gente começou a fazer várias artes nos armários antes de desocupar, aí eles ficaram muito diferenciados, bem acústicos. Aí depois que a ocupação acabou a direção pintou novamente, todos os armários, e cobriram a arte que a gente tinha feito, uma tentativa de camuflar o que foi a ocupação”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

“Rolou uma tentativa de invisibilizar as pessoas que ocuparam, tanto é que depois que eu tinha terminado o terceiro ano, eu fui chamada para participar como monitora da semana de literatura, e aí no dia que fui lá eu passei quase uma hora na recepção e não queriam me atender lá, pelo fato da ocupação em si. Fui falar com os professores e rolou um constrangimento grande, só não foi maior por eu não estudar mais lá, e rolou com outras pessoas também que ficaram marcadas”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

Porém esse apagamento foi combatido pelos estudantes que ocuparam, e a partir das mídias sociais foi colocado todo material fotográfico dos momentos das ocupações. Uma página no *Facebook*⁷ foi criada no dia da ocupação, onde foram documentados todos os eventos que ocorreram durante a ocupação, servindo como voz dos estudantes durante a época e de fonte histórica e de memória. Tempos depois, com a iniciativa de um dos entrevistados, foi criada uma página no *Instagram*⁸ para divulgação de um zine, que tem como objetivo trazer a memória do que foi as ocupações e da sua importância histórica

O *Facebook* da ocupação tem sua última postagem datada de 7 de dezembro de 2018, para divulgação do documentário *Bora Ocupar* que traz a história das ocupações que ocorreram em Recife, com participação de dois estudantes do Ginásio Pernambucano. A página do *Instagram* ainda continua fazendo divulgações combativas dado a conjuntura de ataque cada vez mais feroz a educação.

Quando perguntados sobre quais as conquistas das ocupações os estudantes em uníssono frisam a experiência como uma conquista em si; a politização e ganho de consciência política para eles foi algo que permeou a formação dos participantes.

“Materialmente o saldo foi dois bebedouros e um monte de ventiladores, que basicamente não é nada. Mas de saldo que a gente viu, que todo mundo percebeu, a gente aprendeu a construir uma política, porque a gente vê que muita gente discute política, fala de política, mas não tem participação política ativa, e o saldo foi esse: a gente descobriu que a gente pode e tem que ocupar espaços que nos são oferecidos. A gente viu que o estudante dentro de uma escola ele é importante, na verdade ele é o único motivo pra se ter a escola, na verdade essa construção coletiva, horizontal, toda essa coletividade foi muito boa porque todo mundo viu que quem estava ao lado se compadecia sempre da necessidade do outro, a gente viu que esse sistema competitivo que a gente vive não é bem o que a gente quer. Então o saldo pra mim foi o grande aumento na escola da participação política, muita gente depois da ocupação começou a ver de outra forma a política, e a sua forma de viver também, porque você viver num padrão verticalizado, machista, homofóbico, e a gente acabou saindo disso. Muita gente já tinha essa linha de pensamento, ou pelo menos o indício disso, mas muita gente não tinha e

⁷ <https://www.facebook.com/ocupagp>

⁸ <https://www.instagram.com/ocupagpaurora/>

pensou: “poxa, realmente o caminho não é esse”. Eu acho que esse foi o verdadeiro saldo pra gente”. (Estudante 1) (AUTOR, 2021)

“Para o GP, podemos falar para o GP exclusivamente, o saldo positivo em termos quantitativos foi pequeno, porque a maioria das nossas pautas, como de costume, não foi seguida. Só tivemos a troca de alguns ventiladores que já haviam chegado e no pós-ocupação a gente teve que fazer protesto na escola, na volta às aulas, e ir todo mundo de regata para que fosse cumprida. Alguns vidros foram trocados, o bebedouro foi trocado, mas por exemplo o portão que a gente exigiu não poderia ser feita uma troca por ser patrimônio tombado pelo IPHAN., mas a restauração era possível e até hoje está lá. Eu acho que o maior ganho que a gente teve foi muito político, posso dizer não só para mim, mas para todos os ocupantes do Ginásio Pernambucano. Posso dizer que o saldo positivo foi sobretudo político. **Ninguém saiu de lá sem uma experiência única**”. (Estudante 2) (AUTOR, 2021)

“O saldo para mim foi a bagagem que eu ganhei através da ocupação. Eu me enxergo uma outra pessoa, uma outra pessoa que tem uma outra perspectiva de vida, de classe, e uma consciência. E graças à ocupação. Talvez eu pudesse ter essa consciência um pouco mais adiante, ou bem depois. Mas a ocupação foi um momento muito importante para mim, de me reconhecer enquanto mulher, e essa questão de gênero foi algo que pesou muito na ocupação para mim”. (Estudante 4) (AUTOR, 2021)

A partir da ocupação eles se percebem como parte daquele território, que lhes foi tomado pela educação bancária, que tem como único foco a formação técnica e o ingresso na universidade através do *Enem*, os estudantes demonstram em seu movimento as possibilidades de participação direta na gestão, participação que lhes fora tolhida pelas gestões escolares que não consideravam os estudantes enquanto detentores de conhecimento e partes interessadas nas decisões, as quais eles são diretamente parte. Nota-se também como a ocupação muda a visão de mundo desses jovens, foi uma experiência intensa e desafiadora, onde se descobriram em diversos aspectos, cada um sentindo a ocupação de uma perspectiva diferente, porém decidindo, vivendo e aprendendo juntos a cuidar e gerir uma escola.

A perspectiva crítica ao modelo tradicional de escola foi levantada e trazida à tona através da perspectiva da autogestão da escola, empenhada pelos estudantes durante o mês de ocupação. Como os autores trazidos na primeira parte do trabalho também elencaram, ficou claro o viés contra hegemônico da atuação desses jovens, que se colocaram contra governo, secretaria, gestão e alguns professores, mantendo suas crenças e convicções mesmo que postos em situações de ameaça e de repressão.

Assim a ocupação torna-se um fato histórico não só na vida desses estudantes, que tiveram suas mentes balançadas de ponta a cabeça com essa vivência intensa e transformadora, mas também na história das lutas estudantis, essa luta por mais que

a gestão da escola e o Estado tenha tentado apagar, ela vive na memória da cidade e desses jovens, que se arriscaram em nome de uma causa coletiva e construíram vínculos de luta com outros jovens, criando um fenômeno único.

CONCLUSÃO

A ocupação nos faz pensar a respeito do modelo clássico do processo de formação e socialização da criança e do jovem como algo passivo, onde eles apenas recebem influências através de uma educação pensada pelos adultos. A ocupação nos mostra a necessidade de compreender o espaço do estudante nesse processo de construção do conhecimento, e que as influências que o mesmo recebe de sua família, das instituições de ensino, da mídia e de diversos outros atores sociais não são absorvidas tal qual uma esponja. Existe uma reação ativa desses estudantes nesse processo de construção, que por muitas vezes vai de encontro a esses grupos que os influenciam, e por isso não é possível subestimar-los enquanto portadores de conhecimentos e de vivências que são de fundamental importância para a sua formação enquanto cidadãos.

As ocupações emergem também numa crítica à hierarquização das escolas e da lógica produtivista intrínseca, que preconiza uma formação tecnicista ao invés de buscar a formação dos estudantes dando a eles espaço para desenvolverem suas individualidades e potencialidades. Tal formação causa afinal uma formação acrítica, formando cidadãos com pouco envolvimento no debate público, e a ocupação demonstrou a necessidade da democratização da escola, pauta levantada pelo movimento nas inúmeras tentativas de criação de um grêmio estudantil e nas demandas por participação nas decisões da escola, espaço que eles requisitam por ser um ambiente feito para eles.

A ideia de ocupação não é algo novo na forma de participação política dos jovens. A forma mais comum de participação política do jovem se dá exatamente em seu corpo, na ocupação dos espaços públicos. A ocupação é um fenômeno e algo fortemente relacionado a forma de agir dos jovens, e também traz à tona a necessidade de se pensar a territorialização da escola, que é requisitada pela ocupação ao reivindicarem aquele espaço enquanto seu. Ao trazerem seus corpos a ocuparem aquele espaço, por mais que fizesse parte de seu dia-dia a ida à escola, percebe-se igualmente uma forte rejeição a aquele espaço, visto como autoritário e hostil. A ocupação propiciou a esses jovens um novo olhar sob aquele espaço, que passa a lhes ser querido a partir do momento em que se identificam nele.

O conceito de participação política trabalhado no segundo tópico do primeiro capítulo nos demonstra que ela é fundamental dentro de um modelo de sociedade democrático e cidadã. A ideia da cidadania é fundamental para compreensão das ocupações. A pauta principal levantada pelos estudantes é a da luta por seus direitos sociais, que estavam sendo atacados e negligenciados, e no bojo dessa luta outras lutas foram sendo descobertas e encampadas, ligadas à democratização da escola e pela mudança do modelo de educação que os tratavam como pessoas desprovidas de capacidade de participação política efetiva.

A sociologia na década de 80 começa a repensar as formas de participação política, centrada principalmente na ideia dos partidos e movimentos políticos. Começa a ser visualizado outras formas de mobilização, dentre elas as ocupações, que ocorrem como forma de manifestação que busca através do território reivindicá-lo enquanto direito. Os movimentos de ocupação se encaixam nesse bojo, com as particularidades que são da própria natureza das ocupações juvenis do espaço público.

Teoricamente, entendemos que nas ocupações ganha espaço a questão da consciência da posição social dos estudantes frente à sociedade, dada a conjuntura na qual eles estavam percebendo que estavam sendo atacados frontalmente e sentiram a necessidade de entrar no movimento político de reivindicação. Outra questão é a identidade coletiva dos estudantes que, conscientes de sua coletividade, buscaram juntar forças e se colocarem enquanto um grupo social. O reconhecimento de direitos também fez parte disso, uma vez conscientes do que estava tramitando no congresso, os estudantes demonstram politização e interesse de salvaguardar o que foi conquistado na constituição de 1988.

Já efetivada a ocupação, percebe-se o forte viés autonomista dos estudantes, que buscaram se pautar na autogestão democrática, se preservando de qualquer ingerência externa a ocupação. O engajamento militante também foi algo forte, uma vez ocupados, os estudantes saíram às ruas, se organizaram com outros movimentos sociais e outras ocupações para promover debates e manifestações públicas, sempre buscando pautar o debate e demonstrar posição. E, por último, durante a ocupação e no pós-ocupação o cyberativismo foi uma forma que eles encontraram de se comunicarem com um maior número de pessoas fora da limitação que o território impunha. Através de páginas em redes sociais os estudantes enviaram vídeos, fotos,

textos que buscavam através do engajamento virtual mostrar o movimento para além da repercussão da mídia tradicional.

Ao fim, nota-se que a ocupação do Ginásio Pernambucano reflete mais do que uma mobilização estudantil de combate a medidas do Governo Federal, vistas por esses estudantes como ilegítimas e retrogradadas. A ocupação é um fenômeno antes de tudo contra hegemônico guiado por uma outra visão da educação, pautada pela participação efetiva dos estudantes, que a todo momento mostraram insatisfação com a forma como são silenciados e escanteados da gestão escolar. O trabalho traz a necessidade de se pensar uma nova escola, onde os estudantes possam participar do processo de decisão, que eles sintam pertencimento ao ambiente escolar. A ocupação é, por fim, uma crítica à escola tradicional e à percepção de que os estudantes são despolitizados e alheios ao que acontece ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Marcello; BAQUERO, Rute Vivian Angelo; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Socialização Política e Internet na Construção de uma Cultura Política Juvenil no Sul do Brasil. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 989-1008, Dec. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983. P. 112-121

CARRANO, Paulo; Lânes, Patrícia; RIBEIRO, Eliane. **Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas**. IBASE, 2005.

CARVALHO, Soraya. **“Bora Ocupar”**: Um Balanço das Ocupações de Escolas em Recife. Recife: Anais Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Lucia Rabello de; GRISOLIA, Felipe Salvador. Subjetivação Pública ou Socialização Política? Sobre as Articulações Entre o “Político” e a Infância. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 971-988, Dec. 2016.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos**: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

DIÓGENES, Glória. Expressões e Práticas Juvenis: Entre Cidades Materiais e Práticas Digitais. **Rev. Coletiva** n. 17, Dec. 2015.

FILHO, Irapuan Peixoto Lima. A Juventude como Estética. **Rev. Coletiva** n. 17, Dec. 2015.

FRAZER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça da era pós-socialista. In: SOUZA, J. (Org.) **Democracia hoje**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. **A Dimensão Espacial da Escola Pública**: Leituras Sobre a Reorganização da Rede Estadual de São Paulo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1121-1141, Dec. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e Democracia no Brasil**: Da Década de 1960 aos Impactos Pós-Junho de 2013. Petrópolis: Vozes, 2019.

HARVEY, David. **Occupy**: Movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boi Tempo, 2012.

LIMA, Rogerio Mendes. Sociologia, Interculturalidade e Formação Juvenil. **Rev. Coletiva** n. 17, Dec. 2015.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. Juventude e Religião: Notas a Partir dos Sentidos de Pertencimentos e Experiências Religiosas. **Rev. Coletiva** n. 17, Dec. 2015

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; XIMENES, Salomão Barros. Políticas Educacionais e a Resistência Estudantil. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1079-1087, Dec. 2016.

O MAL EDUCADO. **Como ocupar um colégio?**: manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. 2015.

PINASSI, Maria Orlanda. Da democracia formal à radical. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife. Ed do Organizador, 2014.

SILVA, Geovana Tabachi. Expressões Culturais Jovens: Batuques, Ritmistas e Samba. **Rev. Coletiva** n. 17, Dec. 2015.

TOMIZAKI, Kimi; CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de; SILVA, Maria Gilvania Valdivino. Socialização Política e Politização Entre Famílias do Movimento dos Trabalhadores sem Teto. **Rev Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 935-954, Dec. 2016.

UMA REFORMA APRESSADA, FALHA E ANTIDEMOCRÁTICA. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 921-925, Dec. 2016.

Z Aidan Filho, Michel. Perguntas e respostas sobre o movimento das ruas. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife. Ed do Organizador, 2014.

APENDICE 1: Roteiro de Entrevistas

Ivo Pereira Neto
Roteiro de Entrevistas

Qualificação do Entrevistado

- 1) Em qual escola você estudava em 2016?

- 2) Quantos anos tinha na época? E em qual turma estudava ou em qual curso e período?

- 3) Nessa época você participava de algum movimento ou organização política juvenil? Militava ou participava em algum partido?

Antes do Movimento de Ocupação

- 4) Como era a vida na escola antes das ocupações?

- 5) Na escola havia alguma pauta ou reivindicação estudantil antes das ocupações? Mais de uma? Quais as mais importantes?

- 6) Havia grêmio na escola ou outro movimento estudantil?

- 7) Como era o grêmio antes das ocupações? Fazia reuniões, plenárias, assembleias com os estudantes? Encaminhava as lutas, as reivindicações?

- 8) Como era a relação com a UBES/UNE antes das ocupações?

- 9) Havia algum tipo de relação entre as escolas e as universidades antes das ocupações? Como era?

O Início das Ocupações

- 10) Como surgiu a ideia de ocupar a escola? Quais foram os motivos principais? As pautas?

- 11) Como foi decidida a ocupação? Assembleia? Plenária? Reunião de lideranças? Quais as estratégias foram adotadas para realizar e garantir a ocupação?

12) A iniciativa partiu das instituições representativas dos estudantes? Grêmios? ou partiu de um grupo de estudantes de base? Algum movimento organizado de estudantes estava presente nesse momento?

13) Qual foi o papel do grêmio no início da ocupação?

14) Qual foi a reação da escola quando se deu a ocupação?

Durante a Ocupação

15) Como se organizaram durante a ocupação? Comissões? (alimentação, limpeza, atividades culturais etc.)

16) Como eram tomadas as decisões durante a ocupação? Havia representação eleita? Como era isso? (quem falava? Quem negociava?)

17) Houve momentos mais difíceis, mais tensos etc? houve problemas com os familiares dos ocupantes?

18) Quais foram os principais apoios ao movimento de ocupação? Houve o apoio da comunidade à ocupação? Houve o apoio de movimentos sociais, estudantis, políticos à ocupação? Como foi isso?

19) Houve tentativa de captura / recuperação do movimento por algum ator político?

20) Houve diálogo entre as escolas ocupadas e com as universidades?

O final da ocupação

21) Como se deu a decisão de terminar a ocupação?

22) Quais os argumentos – tensionamentos para isso?

23) Você entrou ou saiu de alguma organização estudantil ou política durante ou após a ocupação?

24) Qual o saldo organizativo das ocupações para os estudantes (surgiu um grêmio?)

25) Como ficaram as relações com as escolas depois das ocupações? Houve mudanças nas posturas dos diretores / professores / funcionários?

APENDICE 2: Ziné sobre a Ocupação Ginásio Pernambucano



Aos Nossos Mortos Nenhum Minuto de Silêncio

FUNDADO EM 1825, O GINÁSIO PERNAMBUCANO É O COLÉGIO MAIS ANTIGO EM ATIVIDADE NO BRASIL.



UM DOS SEUS ESTUDANTES MAIS IMPORTANTES FOI JONAS JOSÉ DE ALBUQUERQUE BARROS.



NO MESMO DIA EM QUE OS MILITARES TOMARAM O PODER EM 1964, JONAS E OUTROS ESTUDANTES, ACOMPANHADOS POR ALGUNS TRABALHADORES, SAÍRAM PELAS RUAS DO CENTRO DA CIDADE EM DIREÇÃO AO PALÁCIO DO CAMPO DAS PRINCESAS.



CANTANDO O HINO NACIONAL E CARREGANDO A BANDEIRA DO BRASIL, BUSCavam APOIO POPULAR PARA PROTESTAR CONTRA O GOLPE.

NO CAMINHO ENCONTRARAM UM BLOQUEIO DOS MILITARES, QUE AO VÊ-LOS DISPARARAM PARA O ALTO.



ELAS ENTÃO ATIRARAM NA DIREÇÃO DOS ESTUDANTES, MATANDO JONAS E TYAN ROCHA AGUIAR, FAZENDO AS DUAS PRIMEIRAS VÍTIMAS DA DITADURA MILITAR NO BRASIL.



SE NÃO NÓS, QUEM? SE NÃO AQUI, QUANDO?

EM 2016 UM GOLPE JURÍDICO-PARLAMENTAR DERRUBOU A PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF. EM SEU LUGAR ASSUMIU O VICE MICHEL TEMER, QUE INTENSIFICOU A POLÍTICA DE BENEFÍCIOS AOS RICOS, PAGANDO ASSIM O APOIO QUE TÊVE PARA CHEGAR AO PODER.



ENTRE AS MEDIDAS APRESENTADAS ESTAVA A PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL 241, QUE CONGELAVA OS GASTOS PÚBLICOS PELOS PRÓXIMOS 20 ANOS, COMPROMETENDO ANDA MAIS A QUALIDADE E O ACESSO AOS SERVIÇOS PÚBLICOS ESSENCIAIS COMO SAÚDE E EDUCAÇÃO.

A PEC DO FIM DO MUNDO DEU PROTESTOS EM TODO O PAÍS, PRINCIPALMENTE DE ESTUDANTES DAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES PÚBLICAS.



ENQUANTO ISSO NO GINÁSIO PERNAMBUCANO, UM GRUPO COMEÇOU A SE REUNIR DURANTE OS INTERVALOS PARA DISCUTIR OS PROBLEMAS DA ESCOLA E OS IMPACTOS DA PEC NA EDUCAÇÃO.

INSPIRADOS PELO MANUAL *COMO OCUPAR UM COLÉGIO?*, DECIDIMOS NOS ORGANIZAR E AGIR. FEZEMOS UM QUESTIONÁRIO PARA SABER A OPINIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A PEC E NO FIM PERGUNTÁVAMOS SE ELE OU ELA ERA A FAVOR DE UMA OCUPAÇÃO. A NOTÍCIA CHEGOU AOS OUVIDOS DA GESTÃO, QUE AMEAÇOU PUNIR OS ENVOLVIDOS. ESTAVAM TENTANDO APAGAR O FOGO COM GASOLINA!

COMO OCUPAR UM COLÉGIO?

Manual escrito por estudantes secundárias da Argentina e Chile



O MAL-EDUCADO



ESSA ATITUDE AUTORITÁRIA NOS UNIU E FORTALECEU. O INTERESSE DOS ESTUDANTES SÓ AUMENTOU E NO DIA 16 DE NOVEMBRO CONVOCAMOS UMA REUNIÃO GERAL PARA A HORA DO ALMOÇO. PERCEBENDO QUE HAVIA PERDIDO O CONTROLE DA SITUAÇÃO, A GESTÃO TENTOU LIBERAR TODOS MAS CEDO. NÓS NOS RECUSAMOS A IR EMBORA, DECLARAMOS A OCUPAÇÃO E ESTENDIMOS AS FAXAS. A PARTIR DAQUELE MOMENTO A ESCOLA SERIA VERDADEIRAMENTE NOSSA.

LUTE COMO LIMA GAROTA!

SEX MULHER É NER RESISTÊNCIA!

A OCUPAÇÃO FOI UMA REVOLUÇÃO EM NOSSA ESCOLA. MESMO DUNTE DEBES PROCEBDO LIBERTÁRIO O MACHISMO ESTEVE PRESENTE DENTRO DELA. DESDE O INÍCIO A BUSCA PELA IGUALDADE E ROTATIVIDADE DE TAREFAS NÃO FOI UM FATO CONVENCIONAL. MAS COM UMA CONSCIENTE DAS MULHERES NA LUTA CONTRA A OPRRESSÃO DE GÊNERO. TOMAR O QUE NOS É NEGADO SIGNIFICA TAMBÉM ROMPER COM A LÓGICA DOMINANTE DO MACHISMO, EDUCACIONANDO A FORÇA DO FEMINISMO E SEU PAPEL ESSENCIAL DENTRO DA PRÓPRIA REVOLUÇÃO.



A LUTA DAS MULHERES PELA IGUALDADE ATRAVÉS DO EMPoderAMENTO FEMININO E CONTRA O PATRIARCALISMO DEVE SER CONSTANTE, POR A OPRRESSÃO DE GÊNERO E O MACHISMO SE FAZEM PRESENTES NO DIA-A-DIA EM TODOS OS ÂMBITOS DA SOCIEDADE. TER VOS ATIVA É RESISTIR AO SILÊNCIAMENTO E ÀS DESIGUALDADES, AO RACISMO, AO PRECONCATO POR ORIENTAÇÃO SEXUAL E À TENTATIVA DE NOS IMPOZER PADRÕES MORAIS, DE BELEZA E COMPORTAMENTO.

GANHEMOS SEMPRE JUNTAS!



OFICINA DE TURBANTE COM BICA COM C

O PODER DO POVO VAZ FAZER UM MUNDO NOVO

PELA PRIMEIRA VEZ EM 191 ANOS O GINÁSIO PERNAMBUCANO ESTEVE SOB O CONTROLE DIRETO DOS PRÓPRIOS ESTUDANTES. FORAM 33 DIAS DE OCUPAÇÃO QUE MARCARAM A HISTÓRIA DA ESCOLA E NOSSAS VIDAS.



ENQUANTO ESTEVE OCUPADA A ESCOLA NUNCA DEIXOU DE FUNCIONAR.

PARA MANTÊ-LA FUNCIONANDO NOS ORGANIZAMOS EM COMISSÕES PARA REALIZAR TAREFAS ESPECÍFICAS COMO COZINHAR, LIMPAR, CUIDAR DA COMUNICAÇÃO E FAZER A SEGURANÇA. TUDO ISSO COM IGUALDADE DE GÊNERO, SEM HIERARQUIA E COM ROTAZÃO DAS FUNÇÕES.



TAMBÉM ABRIMOS AS PORTAS PARA APOIADORES E APOIADORAS QUE REALIZARAM PALESTRAS, RODAS DE DIÁLOGO E ATIVIDADES CULTURAIS SOBRE TEMAS IMPORTANTES COMO LUTA DE CLASSES, MACRISMO, RACISMO, HOMOFOBIA E OS IMPACTOS DEVASTADORES DA PEC EM NOSSO FUTURO.

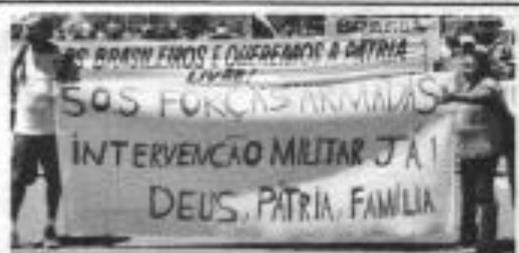
TODOS OS DIAS NOS REUNIAMOS EM ASSEMBLEIA PARA DISCUTIR AS QUESTÕES MAIS IMPORTANTES E TOMAR DECISÕES. Nesses espaços todos e todas tinham a vez e a voz respeitadas. Sempre decidíamos com base no diálogo, no debate de ideias e, quando necessário, democraticamente através do voto.



OUTRO PRINCÍPIO FUNDAMENTAL PARA NÓS FOI A SOLIDARIEDADE E O APOIO MÚTUO ENTRE AS DIVERSAS ESCOLAS E UNIVERSIDADES OCUPADAS NAQUELE MOMENTO. JUNTAS TROCAMOS SABERES, NOS FORTALECEMOS DIANTE DAS DIFICULDADES E REALIZAMOS PROTESTOS EXIGINDO MEMÓRIAS E CONTRA A PEC.

NOVA AURORA A CADA DIA

PASSADOS 3 ANOS DA ONDA DE OCUPAÇÕES DE ESCOLAS E UNIVERSIDADES EM PERNAMBUCO E NO BRASIL, VIVEMOS UM RETROCESSO POLÍTICO COM A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA AO PODER.



A CLASSE TRABALHADORA ESTÁ SENDO ATACADA. O NEOLIBERALISMO AVANÇA NA PRIVATIZAÇÃO DAS RIQUEZAS NACIONAIS E NA SUPEREXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS, QUE VIVEM SOB A SOMBRA DO DESEMPREGO E DO DESALIENTO ATINGINDO MILHÕES DE PESSOAS.

SAÚDE, EDUCAÇÃO E SEGURIDADE SOCIAL COMEÇAM A SOFRER COM OS EFEITOS DA PEC DO TETO DOS GASTOS. CORTES NA EDUCAÇÃO E "REFORMAS" COMO A DA PREVIDÊNCIA AMEAÇAM OS FRÁGEIS DIREITOS SOCIAIS CONQUISTADOS NA LUTA PELA REDEMOCRATIZAÇÃO E GARANTIDOS PELA CONSTITUIÇÃO DE 1988.



COM A OCUPAÇÃO AMADURECEMOS ANOS EM SEMANAS. FORTALECEMOS NOSSA CONSCÊNCIA DE CLASSE E DESCOBRIMOS QUEM SÃO NOSSOS INIMIGOS: O RACISMO E MACHISMO ESTRUTURADOS; A VIOLÊNCIA POLICIAL; OS FUNDAMENTALISTAS RELIGIOSOS, QUE DESEJAM IMPOR SUA VISÃO DE MUNDO A TODOS; A MANIPULAÇÃO DE PARTE DA MÍDIA E A DESINFORMAÇÃO ESPALHADA ATRAVÉS DE FAKE NEWS; E OS REOS QUE SUGAM O SANGUE DO POVO TRABALHADOR. ELAS ESTÃO EM GUERRA CONTRA NÓS E ESTÃO VENCENDO.

TAMBÉM APRENDEMOS QUE A NOSSA MAIOR ARMA É A ORGANIZAÇÃO POPULAR, CONSTRUÍDA DE BAIXO PARA CIMA, QUE COMBATA AS OPRESSÕES DE GÊNERO E RAÇA E TOME PARA SI A RESPONSABILIDADE DE LUTAR PARA CONQUISTAR O DIREITO A UM FUTURO COM IGUALDADE DE OPORTUNIDADES E DIGNIDADE PARA TODOS. **NESSA LUTA, SOMOS NÓS POR NÓS!**



POR ISSO, ORGANIZE-SE! CRIE UM GRÊMIO INDEPENDENTE NA SUA ESCOLA OU UNIVERSIDADE. FORTALEÇA SEU SINDICATO. PARTICIPE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PELOS DIREITOS DAS MULHERES, DAS LGBTQ+ E DO POVO PRETO. LUTE!

*Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondem
Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há de se cuidar do bruto
Para que a vida nos dê
Flor, flor e fruto*

Milton Nascimento -
Coração de Estudante

